



Inês Isabel Fernandes Guerreiro

O Tradutor-Neógrafo

Relatório de Estágio do Mestrado em Tradução, orientado pela Doutora Ana Paula Loureiro, apresentado à Secção de Tradução do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

All translation seems to me to be simply an attempt to solve an insoluble problem.

Wilhelm von Humboldt

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Cornelia Plag por todo o conhecimento transmitido.

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Paula Loureiro, por toda a disponibilidade, por todas as sugestões e, acima de tudo, por todo o apoio demonstrado ao longo dos meses de trabalho.

À minha família por incentivar as minhas demandas e impertinências.

RESUMO

O Tradutor-Neógrafo

O presente relatório descreve, de forma breve, o estágio elaborado na empresa Media XXI, no âmbito do Mestrado em Tradução, e aborda a questão da neologia na tradução.

Partindo de uma reflexão sobre a gênese e o percurso de uma *ciência terminológica*, proponho-me apresentar os caminhos traçados no âmbito da investigação que se seguiu à experiência de estágio. É meu objetivo contribuir para o estudo do papel do tradutor na difusão - e criação - das terminologias técnico-científicas. Perante termos ainda não cunhados na língua de chegada, cabe ao tradutor tomar opções pensadas e sustentadas, relacionadas com a traduzibilidade desses termos. Para tal, deve munir-se de todas as informações ao seu alcance.

É neste quadro que surge o tradutor-neógrafo, enquanto agente responsável pela criação de neologismos e de termos das línguas de especialidade.

Palavras-chave: tradução, terminologia, neologismo, tradutor-neógrafo

ABSTRACT

The Neological-Translator

This report succinctly describes the internship that took place in Media XXI, addressing neologisms in translation.

From the origin of a science of terminology, outlining the path of said science, I intend to show the research that followed my internship. I aim to show the role of the translator in broadcasting – and creating – scientific terminologies. When facing terms that do not exist in the target language, the translator has to take thoughtful options, regarding the translatability of these terms. Hence, he has to provide himself with all the information at his reach.

It is in this stage that the neological-translator appears in his role of creator of neologisms and specialized terms.

Keyword: translation, terminology, neologisms, neological-translator

Índice

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Introdução 1

1º Parte - O Estágio Curricular

1. A Entidade de Acolhimento	5
2. Resumo das Atividades Realizadas	5
3. Tarefa principal: a obra <i>Media and Participation</i>	6
4. Ferramentas e acompanhamento da tradução	7
5. Questões de Tradução	8
6. Conclusões sobre o Estágio	9

2º Parte - Enquadramento Teórico

Capítulo 1. Em torno do conceito de “terminologia”

1. A ciência terminológica	11
1.1. Etapas de um percurso histórico	11
1.2. Escolas	13
<i>Escola germano-austríaca</i>	13
<i>Escola de Viena</i>	13
<i>Escola soviética</i>	13
<i>Escola da Catalunha</i>	14
2. O que se entende por terminologia	14
2.1. <i>Terminologias: língua geral e línguas de especialidade</i>	15
3. Conceito(s) de terminologia	15

3.1. O conceito de <i>terminologia</i>	15
3.2. O conceito de <i>termo</i>	17
Capítulo 2. A construção da(s) <i>terminologia(s)</i>. O trabalho terminológico.	
1. O processo de criação e fixação das terminologias.	
Etapas do <i>trabalho terminológico</i>	18
2. Recursos linguísticos para a criação de termos	19
3. Princípios que regem a criação das terminologias	20
4. Os organismos reguladores	22
5. Repositórios de termos: dicionários e bases de dados	23
5.1. Dicionários	23
5.2. Bases de dados	23
Capítulo 3. Terminologia e Neologia	
1. Estrangeirismo, Empréstimo e Neologismo	25
1.1. O estrangeirismo	26
1.2. O empréstimo	27
1.3. O neologismo	28
1.3.1. Neologismos e neónimos	30
2. Processos de Criação de Neologismos. Tipos de Neologismo	31
2.1. Alain Rey	31
2.2. Louis Guilbert	32
2.3. Peter Newmark	33
2.4. Pierre Auger e Louis-Jean Rousseau	33
Capítulo 4. A Tradução de Neologismos	
1. Algumas Considerações	35

1.1. A Encomenda de Tradução	35
1.2. A Leitura do Texto	37
1.3. Estratégias de tradução	37
2. A Tradução do Texto Técnico	38
3. O Tradutor-Neógrafo	39
3.1. A Tradução de Neologismos	43

3º Parte - Sistematização de Dados Empíricos

Capítulo 1. Apresentação e tratamento dos termos analisados da Língua de Especialidade

1. Apresentação dos Termos	49
1.1. Termos com equivalentes na língua de chegada	49
1.1.1. Epónimos	50
1.2. Termos sem equivalente na língua de chegada	51
1.2.1. Termos já integrados na língua da especialidade da língua de partida	51
1.2.2. Termo criado pelo autor	55
2. Soluções Possíveis de Tradução	55
2.1. A tradução dos termos que já fazem parte da língua da especialidade na língua de partida	55
2.2. Termo criado pelo Autor	57

Capítulo 2. Apresentação e tratamento de outros termos

1. Abreviaturas Vocabulares	58
------------------------------------	-----------

2. Nomenclaturas Oficiais	59
3. Diferenças culturais e idiomatismos	59
3.1. Diferenças culturais	59
3.2. Idiomatismos e expressões fixas	60
4. Neologismos de outras áreas ou da língua geral	60
5. Outras criações vocabulares	61
6. Soluções Possíveis de Tradução	62
6.1. Abreviaturas Vocabulares	62
6.2. Nomenclaturas Oficiais	62
6.3. Idiomatismos e Expressões Fixas	63
6.4. Neologismos de outras áreas ou da língua geral	63
6.5. Outras criações vocabulares	64
Conclusão	65
Referências Bibliográficas	67

Introdução

Este relatório apresenta os resultados do trabalho desenvolvido no âmbito do *Estágio com Relatório Final*, unidade curricular do 2º ano do Mestrado em Tradução, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O estágio foi realizado na empresa *Media XXI – Consulting, Research & Publishing* e teve a duração de 300 horas. Partindo de uma das tarefas de tradução que me foram solicitadas no âmbito das atividades do estágio, delimiti como área de investigação a *tradução das terminologias técnico-científicas*. Em concreto, este estudo tem como objetivo global refletir sobre o papel do tradutor na construção das terminologias técnico-científicas, nomeadamente na criação de neologismos.

O estágio foi constituído por duas tarefas: (1) a tradução de um *projeto de realização de tutorias e de formações para apoiar editoras na transição para o digital* e (2) a tradução da obra *Media and Participation* de Nico Carpentier. Esta última determinou o tema deste relatório de estágio. As maiores dificuldades sentidas ao longo do processo tradutivo foram de ordem terminológica, dando azo a uma maior investigação da minha parte de forma a efetuar uma tradução adequada para os termos encontrados. Constatei que muitos dos termos presentes na obra eram neologismos (alguns bastante recentes) que ainda não tinham correspondência para a língua portuguesa.

O léxico de uma língua é um sistema em constante mudança (Reuillard e Bevilacqua, 2012). Esta capacidade de renovação assenta em mecanismos de (re)criação lexical muito variados. Destacam-se dois, pela importância que assumem na dinâmica da adaptação da língua às novas realidades: por um lado, as línguas reutilizam as suas próprias palavras, dando-lhes novos sentidos ou combinando-as em novas formas; por outro, adotam palavras ou expressões de outras línguas, mais ou menos próximas. É assim na língua geral, mas também, e muito particularmente, nas *línguas de especialidade*, nas suas diferentes áreas técnico-científicas.

No domínio da tecnologia e da ciência, esta renovação lexical é um mecanismo essencial na criação das terminologias. Dada a sua natureza, estas novas palavras são

muitas vezes mediadas por um processo de tradução. Como primeiro leitor de uma obra, o tradutor depara-se com novas palavras e cabe-lhe introduzi-las na sua língua. Assim, poderá recorrer ao empréstimo ou procurar na sua língua as unidades lexicais que terão o mesmo significado que o termo original, criando, assim, um neologismo. E é devido a este último processo que Reuillard e Bevilacqua (2012) passaram a denominá-lo “tradutor-neógrafo” – termo que dá nome a este relatório.

A literatura acerca da neologia é vasta, assim como o estudo acerca da tradução de neologismos, destacando-se Hermans e Vansteelandt (1999), autores de referência nesta área. A neologia é um processo de formação linguística que visa nomear novos conceitos. Por isto mesmo, a partir do século XX com o desenvolvimento técnico-científico, houve um grande surto de novas ocorrências linguísticas criadas através de processos neológicos. Dada a sua especificidade e o facto de a sua criação obedecer a regras e mecanismos linguísticos próprios de cada língua, esta é uma área crítica no âmbito dos trabalhos do tradutor.

Estas questões enquadram-se no âmbito mais geral da tradução técnica, que se distingue de outros tipos de tradução, nomeadamente a tradução literária.

O relatório está organizado em três partes.

A primeira *Parte* encontra-se dividida em seis secções e descreve o Estágio e todas as atividades desenvolvidas durante esse período: na primeira secção, apresenta-se a entidade de acolhimento; na segunda secção, descrevem-se pormenorizadamente as atividades realizadas durante o estágio; na terceira secção, apresento a obra *Media and Participation* de Nico Carpentier, texto que constitui a tarefa principal do estágio; na quarta secção descrevo as ferramentas e o acompanhamento dos trabalhos; na quinta secção apresento as questões de tradução que serão tratadas na terceira *Parte*; e termino com uma breve conclusão acerca do estágio.

A segunda *Parte* deste relatório está dividida, por sua vez, em quatro capítulos. O primeiro dedica-se ao estudo de pressupostos teóricos e de alguns conceitos-chave da construção de terminologias, tendo por base as teorias terminológicas propostas por autores como Alain Rey (1972), Eugen Wüster (1938) e Maria Teresa Cabré (1993). No

segundo capítulo, são apresentadas questões relacionadas com as etapas, princípios e regras do trabalho terminológico: construção das terminologias. No terceiro capítulo, são tratados os processos de criação de neologismos, tomando por base as teorias de Alain Rey (1972), Louis Guilbert (1975), Peter Newmark (1988) e Pierre Auger e Louis-Jean Rousseau (1978). No quarto capítulo, são estudados alguns aspetos relacionados com a tradução de terminologias de especialidade e o papel do tradutor na fixação de terminologias, enquanto mediador entre duas línguas.

Na terceira e última *Parte* deste relatório procedo à apresentação e a sistematização dos dados recolhidos. No primeiro capítulo optei por agrupar os termos em duas categorias: termo com equivalente na língua de chegada e termo sem equivalente na língua de chegada. Este primeiro capítulo trata os termos da língua de especialidade. No segundo capítulo, trato outras questões de tradução e os termos estão agrupados em cinco categorias: abreviaturas vocabulares; nomenclaturas oficiais, diferenças culturais e idiomatismos; neologismos de outras áreas ou da língua geral; e outras criações vocabulares. Em ambos os capítulos, os termos são apresentados com uma breve descrição e sua origem e no final de cada capítulo surge uma sugestão de tradução.

Com este relatório espero ter evidenciado o papel ativo do tradutor nas mudanças e inovações constantes das línguas e espero, ainda, ter conseguido fazer jus à vasta bibliografia existente acerca desta temática.

1º Parte

O Estágio

Curricular

1. A Entidade de Acolhimento

A Media XXI - Consulting, Research and Publishing é uma marca criada, em 2003, pela Formalpress – Publicações e Marketing Lda. Desenvolve a sua atividade nas áreas da comunicação, dos média e do entretenimento e indústrias criativas. Com sede no Porto e uma filial em Lisboa, a empresa conta ainda com uma rede internacional de colaboradores, no Brasil, em Angola e África Austral, na Região dos Balcãs e na Europa, nos Estados Unidos e em Genebra (informação retirada no sítio da *Internet* da empresa).

O projeto, que se assume como uma *intelligence unit*, presta serviços técnicos nos seguintes domínios: (1) investigação e consultoria aplicada, (2) edição de livros e publicações científicas e (3) comunicação e marketing corporativo (Sobre a Media XXI, 2016). No âmbito da investigação e consultoria aplicada, desenvolve trabalhos de investigação científica e de apoio a teses, projetos de gestão, investimento e incentivos públicos e de conceção e análise de políticas públicas. Procurando constituir-se como ponto de interesse para um público com conhecimentos científico, a empresa colabora regularmente com centros de investigação nacionais e internacionais (Estratégia, 2016). No plano editorial, presta serviços de edição e coedição e de distribuição de livros e outras publicações escolares e científicas. Publica em vários idiomas, entre os quais português, inglês, espanhol, francês, mandarim. No domínio da comunicação e marketing, desenvolve projetos na área dos conteúdos e da comunicação cooperativa.

Para além destes domínios de investigação, edição e comunicação, a Media XXI envolve-se ainda nas áreas da formação e da organização de eventos, como forma de “consolidar a empresa em termos económicos e financeiros” (“Sobre a Media XXI”, 2016).

2. Resumo das Atividades Realizadas

O estágio teve a duração de 300 horas e foi realizado em regime à distância, sendo toda a comunicação efetuada através de correio eletrónico. O estágio decorreu entre o dia 10 de julho e o dia 17 de novembro de 2015, de acordo com o cálculo de um tempo

médio diário de trabalho.¹ O estágio foi composto por duas tarefas tradutivas, a pedido da Media XXI, consistindo ambas na tradução de inglês para português. A primeira tarefa, e a tarefa principal deste estágio, consistia na tradução da obra *Media and Participation: A site of ideological-democratic struggle* [daqui por diante apenas *Media and Participation*] de Nico Carpentier. A segunda dizia respeito à tradução de um documento de trabalho relativo a um projeto de realização de tutorias e de formações para apoiar editoras na transição para o digital, intitulado, precisamente, *Supporting Publishing Companies in the Transition to Digital*.

A obra *Media and Participation* foi-me entregue em formato *PDF* e tinha uma extensão de 405 páginas. Para a sua tradução não me foi indicado qualquer prazo ou enquadramento do serviço. Devido à sua extensão e ao número de horas do estágio, apenas traduzi dois capítulos da obra, perfazendo um total de 68. 212 palavras.

O documento *Supporting Publishing Companies in the Transition to Digital* foi-me entregue também em formato digital e tinha um total de 12.396 palavras e um prazo de três dias para a sua apresentação (de 1 a 3 de agosto). O texto não apresentava problemas de maior ao nível da tradução.

3. Tarefa principal: a obra *Media and Participation*

O autor de *Media and Participation*, Nico Carpentier, é Professor na Vrije Universiteit Brussel (Bruxelas), na Universidade de Charles (Praga) e na Universidade de Uppsala (Suécia). É especialista em meios de comunicação social, fazendo investigação nas áreas de jornalismo, política e cultura, nomeadamente nos domínios da guerra e do conflito, da ideologia, da participação e da democracia. Conta com vários artigos e livros publicados (Nico Carpentier – Private Pages, 2015). Destacam-se os seguintes títulos: *Alternatif medyayi anlamak* (2015), *Culture, Trauma & Conflict. Cultural studies perspectives on contemporary war* (2015), *Journalism, Representation and the Public Sphere* (em coautoria com Kramp, Leif; Hepp, Andreas; Nieminen, Hannu et al. (2015)), *Everyday Media Agency in Europe* (em coautoria com Kramp, Leif; Hepp, Andreas; Nieminen, Hannu et al. (2014)), *The social construction of death:*

¹ Este cálculo teve em conta o período de férias.

Interdisciplinary perspectives (em coautoria com Brussel, Leen Van (2014)). Tanto quanto é do meu conhecimento, e de acordo com os dados disponíveis na Porbase, não há traduções de obras suas em português.

A obra *Media and Participation* é composta por duas partes. Na primeira parte, que trata dos conceitos e das definições de participação, o autor estabelece a ligação entre democracia e participação e evidencia a forma como a participação tem sido compreendida ao longo do tempo. A segunda parte do livro está dividida em cinco capítulos, cada um compreendendo uma palavra-chave (*poder, identidade, organização, tecnologia e qualidade*). Cada um destes tópicos é depois tratado com base na análise de casos.

4. Ferramentas e acompanhamento da tradução

As ferramentas CAT (*Computer-Assisted Translation*) não se mostraram de grande utilidade para o meu trabalho no decorrer do estágio, uma vez que não me foram fornecidas quaisquer bases de dados ou memórias de tradução.

Utilizei o MemoQ na tarefa mais curta (*Supporting Publishing Companies in the Transition to Digital*), pois havia vários excertos que se repetiam muitas vezes, tornando o trabalho de tradução redundante. Relativamente à tradução que ocupou a maior parte do estágio (*Media and Participation*), nomeadamente nas questões relacionadas com a terminologia, recorri aos vários meios disponíveis em linha, com destaque para o sítio da *Internet do Jornal Europeu da União Europeia*, onde encontrei muitos termos de utilidade para a tradução. Nesta tarefa em particular, senti a falta do apoio de um revisor ou gestor de projeto que pudesse consultar em caso de dúvida.

Em virtude de o estágio ter decorrido em regime à distância, senti que não existia um controlo de qualidade de tradução, o que condicionava o meu próprio trabalho. Neste momento considero que o estágio poderia ter decorrido de outra forma, com um apoio mais efetivo por parte de um revisor que acompanhasse o meu trabalho, uma vez que considero que ainda não tenho as competências nem as ferramentas adquiridas com a experiência enquanto tradutora.

5. Questões de Tradução

Tendo em conta que a maior parte do tempo de estágio foi ocupado pela tradução da obra *Media and Participation*, esta secção descreve brevemente as principais questões de tradução levantadas pela mesma.

Num primeiro momento de análise e tratamento do texto, comecei por identificar e distinguir, de modo muito genérico, diferentes tipos de problemas relacionados com a tarefa de tradução. Considero que estes problemas podem ser agrupados, tendo em conta a seguinte tipologia:

- tradução de termos técnicos, nomeadamente os neologismos, com destaque para os termos ainda sem equivalente na língua de chegada;
- tradução de epónimos;
- tradução de abreviações vocabulares;
- tradução de nomenclaturas oficiais;
- tradução de idiomatismos e outras manifestações das diferenças culturais.

As maiores dúvidas surgiram a nível da terminologia relativa aos meios de comunicação social. Tratando-se de uma área relativamente recente, e que nas últimas décadas sofreu importantes transformações, decorrentes também de alterações de ordem social, a terminologia é ainda pouco consensual ou não se encontra ainda suficientemente consolidada. Neste contexto, e no quadro específico da tradução, a solução passa muitas vezes pelo recurso ao empréstimo, ou à criação de neologismos na língua de chegada. Foi este, genericamente, o tópico que escolhi para desenvolvimento no *Relatório*.

Na Parte 3 deste Relatório, todas estas questões serão abordadas com destaque para as questões relacionadas com a tradução de terminologia e de neologismos.

Uma outra questão colocou-se relativamente ao tratamento das citações. Não tendo sido um aspeto tratado sistematicamente no presente trabalho, deixo aqui apenas uma nota sobre uma decisão tomada para a tradução destes segmentos do texto. Sempre

que me deparava com uma citação, recorria ao sítio da *Internet da Porbase* de forma a verificar se a obra estava ou não traduzida. No caso de estar traduzida, optei por apresentar a versão em português (apontando devidamente a respetiva referência bibliográfica para futuras anotações por parte do revisor). No caso contrário, optei por traduzir as citações.

6. Conclusões sobre o Estágio

Qualquer ato de tradução enriquece o tradutor. Acabado o estágio, posso afirmar que traduzir uma obra técnica do calibre de *Media and Participation* foi de grande utilidade para a minha formação como tradutora. Nunca tinha trabalhado na área dos meios de comunicação social e era uma temática que desconhecia por completo. Deixo, no entanto, aqui uma reflexão crítica, relacionada, por um lado, com o facto de não ter tido a oportunidade de traduzir outro tipo de textos, de menor dimensão, e, por outro, com a ausência de uma estrutura de acompanhamento e apoio dos trabalhos de estágio, nomeadamente no processo de revisão de texto. Não obstante, fiz o meu trabalho da melhor maneira que pude e, espero, de maneira satisfatória.

2º Parte

Enquadramento

Teórico

Capítulo 1

Em torno do conceito de “*terminologia*”

Dando início ao enquadramento teórico, este primeiro capítulo da segunda parte tem como principal objetivo refletir globalmente sobre a gênese de *uma ciência terminológica* e sobre o próprio conceito de *terminologia*.

O capítulo inicia-se com uma breve descrição do percurso traçado pela ciência terminológica, desde as suas origens, com a publicação da tese de doutoramento de Eugen Wüster, em 1931, até ao estabelecimento posterior, ao longo do mesmo século, de diferentes escolas terminológicas. Num segundo momento, são tratados os conceitos, ainda pouco consensuais, de *terminologia* e *termo*. A este propósito, impõe-se uma distinção prévia entre *língua geral* e *língua de especialidade*.

1. A ciência terminológica

A criação de terminologias advém de uma dupla necessidade: por um lado, a da nomeação de conceitos e realidades emergentes numa determinada área técnica/científica (a Revolução Industrial é, neste processo, um marco determinante); e, por outro, a da sua utilização no âmbito da comunicação e práticas no plano internacional (Almeida, 2003, p. 213). As duas estão intimamente relacionadas e são, por outro lado, indissociáveis da natureza múltipla do próprio conceito de *terminologia* e, logo, das abordagens preconizadas pelas diferentes *escolas científicas*, como veremos. A partir de Eugen Wüster (1931), no seu trabalho inaugural, a abordagem da *terminologia* assume, desde logo, uma dimensão fortemente *normalizadora* e *internacional*. E com isto, assume-se também, em todo este processo, pelo menos de modo indireto, o papel central da *tradução* (e do *tradutor*).

1.1. Etapas de um percurso histórico

Cabré (1993, pp. 28-29) enumera quatro períodos fundamentais para o desenvolvimento da ciência terminológica: as *origens* (de 1930 a 1960); a *estruturação* (de 1960 a 1975); a *eclosão* (de 1975 a 1985); e a *ampliação* (a partir de 1985).

O primeiro período é caracterizado pelo estabelecimento de métodos de trabalho terminológico. Surgem os primeiros textos de E. Wüster e de D.S. Lotte (sendo este último o fundador da escola soviética de terminologia, com a sua padronização de normas e de termos). Em 1931, Eugen Wüster – vindo do campo da engenharia - publica a sua tese de doutoramento, *Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik*, iniciando, assim, uma nova preocupação que viria a ter ramificações em vários pontos do planeta: o estabelecimento de princípios, normas e metodologias no âmbito da construção de terminologias (Cabré, 1993, p. 27).

No segundo período aparecem os primeiros *bancos de dados terminológicos* monolingues, bilingues e multilingues, que se assemelhavam a dicionários, e começa-se a preparar a organização internacional da terminologia. É também nesta fase que se inicia a construção dos fundamentos para uma aproximação da terminologia dentro do processo de normalização das línguas (Cabré, 1993, p. 27).

O terceiro período é caracterizado pela evolução dos modelos teóricos e pela difusão informática, que irá modificar as condições de trabalho do terminólogo e do próprio tratamento de dados. A terminologia começa a ser valorizada como processo de modernização das línguas e de transmissão de conhecimento científico, uma vez que são utilizados processadores de texto e vários programas em linha uns com os outros para se proceder à procura da terminologia mais adequada (Cabré, 1993, p. 29).

No quarto e último período, surgem novos instrumentos e recursos (como desenvolvimentos informáticos – nomeadamente a linguística computacional – que analisam, manipulam e processam textos de forma a auxiliar o terminólogo (Barros, 2006)) e são criadas redes internacionais cujo principal objetivo é a troca de informação para complementar, o mais possível, as bases de dados já existentes e, assim, auxiliar os utilizadores das mesmas. Também neste período surgem novas teorias terminológicas, como a *Teoria Comunicativa da Terminologia* proposta por Maria Teresa Cabré, por exemplo (Barros, 2004, p. 36).

1.2. Escolas

Existem diversas escolas dedicadas à ciência terminológica (veja-se a enumeração explicitada por Contente (2008, pp. 25–26)), porém autores como Contente (2008) ou Cabré (1993) destacam as quatro abaixo como sendo as principais e mais relevantes para o desenvolvimento e estabelecimento da disciplina.

Escola germano-austríaca

A *escola germano-austríaca* foi fundada por Eugen Wüster (fundador da terminologia moderna) nos anos 30 do século XX, abordando “as relações da terminologia com a lógica, a informática, a teoria da comunicação e informação” (Cabré, 1993, p. 25). Esta escola tem uma visão conceptualista, já que procura definir e caracterizar termos para os normalizar e internacionalizar.

Escola de Viena

Esta escola surge com o intuito de padronizar a terminologia dos campos científicos e técnicos de forma a assegurar uma comunicação eficiente e uma transferência de conhecimento entre os cientistas (Cabré, 1999, p. 13). Estes dois princípios refletem-se na vasta obra desta escola ao nível da padronização de documentos acerca de trabalho e vocabulário terminológicos e da transferência de dados, por exemplo.

Escola soviética

A *escola soviética* também teve origem nos anos 30, sendo que alguns teóricos consideram D.S. Lotte o “pai da terminologia”. Lotte preocupava-se com “os aspetos teóricos e metodológicos da Terminologia” (Barros, 2004, p. 36) e distinguia-se de Wüster por considerar que os termos eram unidades da língua geral, logo “sujeitos a adquirir todas as características da palavra comum” – ou seja, acreditava na polissemia dos termos - (Lotte *apud* Barros, 2004, p. 36). Em colaboração com S.A. Caplygin, criou a Comissão da Terminologia Técnica (*ibidem*, p. 50). Esta escola preocupou-se mais com os aspetos linguísticos do que com pressupostos metodológicos.

Escola da Catalunha

A atividade terminológica catalã, estabelecida em 1985, surgiu com o intento de “dotar la lengua catalana de los instrumentos lógicos que la hagan apta para ser utilizada en todos los ámbitos de comunicación” (Cabré, 1993, p. 60). Nesta escola salienta-se Maria Teresa Cabré e os seus estudos terminológicos e neológicos.

Durante o século XX, foram surgindo dicionários e trabalhos de léxico, assim como obras especializadas publicadas em catalão, para salvarem a língua catalã e criarem uma terminologia dentro deste sistema linguístico (*ibidem*). Após algumas décadas em que a língua catalã é proibida de ser utilizada em público, juntam-se vários especialistas para recuperarem e modernizarem o seu código.

Em 1985 é criado o Termcat, “organismo que debe ocuparse de la coordinación de la terminología catalana, de los métodos de trabajo y de la normalización de las nuevas formas” (*ibidem*, p. 62).

2. O que se entende por *terminologia*?

Uma *terminologia*² surge da necessidade básica de dar conhecimento e de nomear conceitos (muitas vezes abstratos) relacionados com áreas de trabalho, científicas e tecnológicas. Podemos, assim, defini-la genericamente, num primeiro momento, como o conjunto de termos de uma determinada área técnica/científica, sendo os *termos*, por sua vez, as palavras utilizadas para nomear cada um dos conceitos específicos.

Enquanto tal, as terminologias, devem ser vistas como parte integrante de uma determinada comunidade linguística, de uma determinada língua. Distinguem-se, no entanto, como veremos, da prática comunicativa geral.

Por outro lado, a *terminologia* constitui-se como objeto de estudo, dando forma e nome à dimensão prática e teórica de uma área disciplinar.

² No contexto francês, os dicionários do século XIX definiam «terminologia» como um “ensemble de mots difficiles, obscurs et inutiles” (Rey, 1992, p. 7).

2.1. Terminologias: língua geral e línguas de especialidade

Ao contrário da *língua geral*, que é *polissémica, ambígua, redundante e demonstra uma multiplicidade situacional e temática* (Wimmer, *apud* Contente, 2008, p. 33), as *línguas de especialidade*, e, em concreto, o conjunto das designações que as constituem (*terminologias*), são precisas, denominativamente unívocas e económicas.

Cabré (1993, p. 131- 132) atribui às *línguas de especialidade* e às *terminologias* as seguintes características:

- As línguas da especialidade têm uma conceptualização controlada;
- apenas admitem unidades já estabelecidas;
- não têm termos polissémicos;
- a expressão escrita dos termos é mais importante do que a sua expressão oral;
- tendem a ser internacionais;
- e, finalmente, devem ter um tom formal, não deixando transparecer qualquer emoção.

Refletindo sobre a natureza destas línguas de especialidade, Cabré (1993, p. 129) diz ainda que uma *língua de especialidade* compreende um conjunto de subcódigos específicos ligados a uma determinada área temática, bem como a determinado “[...] tipo de interlocutores, situación comunicativa, intención del hablante, medio en que se produce un intercambio comunicativo (...)”. É, de acordo com Lerat (1995, p. 20), “une langue naturelle considérée en tant que vecteur de connaissances spécialisées”.

3. Conceito(s) de terminologia

3.1. O conceito de *terminologia*

Constituída como objeto de estudo e como disciplina, a *terminologia* é situada em diferentes planos.

Cabré (1993, p. 82) considera que o termo «terminologia» designa três conceitos diferentes:

- “a) El conjunto de principios y de bases conceptuales que rigen el estudio de los términos;
- b) El conjunto de directrices que se utilizan en el trabajo terminográfico;
- c) El conjunto de términos de una determinada área de especialidad”.

Longe de serem inconciliáveis, estes conceitos de “terminologia” materializam diferentes facetas da sua natureza e as diferentes abordagens que dela fazem os vários *atores* intervenientes em todo o processo.

Ao tradutor interessam, sobretudo, as *terminologias* enquanto conjuntos de termos de uma determinada área da especialidade. No entanto, e em estreita ligação com o grau de desenvolvimento e estabilidade das línguas de especialidade, interessam ao tradutor também alguns aspetos da *terminologia* vista a partir de todo o processo do trabalho terminográfico, como veremos.

Do ponto de vista da sua função - externa - de nomeação e – interna (sistémica) – de elemento participante de um sistema, Rey (1992, p. 43) define-a como um “(...) compromis entre définition lexicographique et description encyclopédique destiné à améliorer l’usage des noms pour leur permettre de fonctionner comme termes, destiné aussi à évoquer (...) le mode de constitution des classes d’êtres et le fonctionnement des schèmes conceptuels”.

Nesta sua aceção fundamental e primeira, enquanto objeto, e definida como um “set of designations (...) belonging to one special language” (ISO 1087 - 1, 2000, p. 10 – ênfase original retirada), a terminologia apresenta três funções fundamentais (Cabré, 1993, pp. 39-41):

1. uma de ordem *linguístico-terminológica*, pois garante a transferência de conhecimento entre profissionais falantes das mais diversas línguas, mas que falam a linguagem comum da especialidade; neste sentido, as terminologias fomentam, por outro lado, a criação lexical nas línguas importadoras dos termos técnicos;

2. uma função de ordem *tradutiva*, já que é imprescindível que um tradutor tenha conhecimento dos termos fixados para que seja coerente com a área onde será inserida a sua tradução técnica;
3. e uma função *normalizadora*, pois oferece segurança aos utilizadores e qualidade ao trabalho efetuado.

3.2. O conceito de *termo*

Ligado a uma área técnico-científica específica, o conceito de *termo* vê a sua natureza definida numa tripla dimensão relacional: ora na sua relação de pertença a uma língua geral; ora nos limites da sua relação com os outros termos do mesmo conjunto; ora ainda na sua relação biunívoca com uma noção ou objeto.

Assim, Rey (1992, p. 78) define «termos» como “des unités dont la valeur est relative dans un ensemble, et dont la finalité est d’assumer une relation, en principe biunivoque, avec une notion (...)”. Distingue-se de *palavra*, uma vez que, como vimos, esta poderá ter vários significados e faz parte da língua geral.

Maria Teresa Cabré define «termo» como “unidades de forma y contenido que pertencen al sistema de una lengua determinada, en cuyo interior conviven distintos subsistemas específicos alternativos” (1993, p. 170).

O ISO, por outro lado, define de forma sucinta «termo» como sendo uma “verbal designation (...) of a general concept (...) in a specific subject field” (ISO 1087 - 1, 2000, p. 6 – ênfase original retirada).

Dando aqui por terminado este capítulo, partiremos agora para o segundo capítulo onde será tratado a construção das terminologias e o que comporta o trabalho terminológico.

Capítulo 2

A construção da(s) terminologia(s). O trabalho terminológico.

Este segundo capítulo irá incidir sobre a parte prática da ciência terminológica. Aqui será demonstrado todo o processo do trabalho terminológico, desde a recolha de material até à implementação da própria terminologia, passando pelos princípios que regem a criação de terminologias, pelos organismos reguladores e pela constituição de bases de dados.

1. O processo de criação e fixação das terminologias. Etapas do trabalho terminológico

Por “trabalho terminológico” entende-se o conjunto das atividades e dos procedimentos conducentes à criação e fixação das terminologias. Qualquer trabalho terminológico compreende genericamente (i) a delimitação das línguas de trabalho, (ii) a recolha do material a trabalhar, (iii) a sua análise e categorização e (iv) a sua aplicação nas publicações da área (cf. Cabré, 1993).

De acordo com Cabré (1993, p. 53), este processo pode ser dividido em seis etapas constitutivas:

1. planificação, coordenação e gestão dos recursos existentes de uma dada área - nesta fase, reflete-se acerca dos trabalhos necessários considerando o contexto em que estão inseridos; em seguida é aplicado o plano de trabalho; e, por fim, avalia-se os resultados obtidos;

2. “(...) elaboración de los trabajos sistemáticos de terminología especializada” - após ser delimitado o tema, são recolhidos os dados e a informação é selecionada; a terminologia é então organizada em fichas terminológicas que, caso evidenciem falhas, são novamente redigidas;

3. fixação dos termos - esta fase compreende a padronização e a valorização das formas utilizadas com maior frequência;

4. difusão destes termos já padronizados - após a reprodução dos termos, são feitas as correções necessárias;

5. a implementação da terminologia nas atividades e nos meios de *trabalho terminológico* - entenda-se aqui todo o trabalho que é desenvolvido desde a recolha de informação e de dados, sua seleção e fixação;

6. elaboração da terminologia, envolvendo especialistas de várias áreas (das ciências, da tradução, das ciências documentais e, até, da linguística computacional, para nomear apenas algumas).

Quando terminado, o trabalho de recolha terminológica será organizado e poderá constituir vários tipos de documentação, nomeadamente fichas documentais (que poderão ser monolíngues, bilingues ou multilingues e de natureza variada, desde tradutiva, descritiva ou normalizadora). Os dicionários e os tesouros comportam um outro tipo de organização de dados mais ligados à linguística e à semântica. E, por último, salientam-se as *bases de dados* terminológicas, já que estas constituem uma das ferramentas de mais fácil acesso para os tradutores.

Pierre Auger (citado em Contente, 2008, p. 28) considera que podemos ainda abordar o trabalho terminológico de diferentes pontos de vista:

- ora na sua relação com o sistema linguístico em que se insere, dando-se predominância à classificação das noções e dos termos;
- ora na sua relação com a tradução e a comunicação internacional, privilegiando-se a conceptualização dos termos de forma a harmonizar a sua expansão internacional;
- ora ainda, finalmente, na sua relação com a planificação linguística, com a publicação de palavras e termos para a construção de bases de dados terminológicas (cf. Cabré, 1993).

2. Recursos linguísticos para a criação de termos

No primeiro grupo encontram-se os processos de derivação (como é exemplo o substantivo *elusiveness*, criado a partir do adjetivo *elusive* (Carpentier, 2011, p. 96)) e composição habituais na constituição de novas palavras e, ainda, a modificação de unidades já existentes numa língua, como por exemplo processos de truncamento (siglação, acronímia ou abreviação).

O segundo recurso é constituído pela conversão de classe gramatical, através da criação de uma nova palavra a partir de uma já existente.

Os recursos de ordem semântica, por sua vez, são todos aqueles que comportam uma modificação de significado de uma palavra já fixada. Cabré (1993, p. 191) dá o exemplo da palavra *discoteca* (coleção de discos) que ganhou nova aceção (salão de dança) a partir dos anos 60 do século XX.

É interessante constatar que Rey (1992, p. 68), para além destes processos enumerados por Cabré, considera ainda o *empréstimo* e o *neologismo* como processos criadores de termos. Este autor afirma que o *empréstimo* constitui a forma mais eficaz de internacionalização aquando da instituição do termo.

De um outro ponto de vista, complementar, existem duas abordagens opostas que conduzem à fixação de termos: uma abordagem onomasiológica e uma abordagem semasiológica. Na primeira, parte-se da noção para a fazer corresponder com um termo, enquanto que na segunda se verifica o contrário: parte-se das unidades lexicais para se chegar à noção (isto é bastante evidente quando se procede à tradução de textos técnicos). Como Rey (1992, p. 80) observa, esta última metodologia é bem mais pragmática do que a outra.

3. Princípios que regem a criação das terminologias

É essencial que os termos criados respeitem os recursos da língua e da cultura que os constitui. O terminólogo deve, assim, em primeiro lugar, ter um excelente conhecimento dos processos de formação de palavras na sua língua.

Para além deste cuidado, há outros princípios que devem ser tidos em conta nos processos de criação de termos. Cabré (1993, p. 447) enumera os seguinte sete:

- [Os termos] “deben ser unívocos;
- deben ser monorreferenciales;
- deben pertenecer a un dominio de especialidad;
- deben ser necesarios;
- deben priorizar la formación sintagmática;

- deben ser estables;
- deben aprovechar los formantes internacionales de cada disciplina, si existen”.

Refere ainda que estes termos novos devem ser claros, precisos, concisos e conseguir constituir formas derivacionais (Cabré, 1993, p. 451).

A nível sociolinguístico, não devem apresentar conotações ou associações negativas, devem ser parte integrante de um registo formal e, ainda, ser passíveis de fácil memorização (Cabré, 1993, p. 452). Além destes fatores linguísticos, ainda existe um outro, de ordem morfológica, cujo principal interveniente é o locutor. Este locutor irá aceitar ou rejeitar o novo termo sob forma de julgamentos estéticos e funcionais (Rey, 1992, p. 75). Estes mesmos julgamentos irão, pois, condicionar a fixação e a sobrevivência do termo.

Quando se trata de terminologia técnica nova, é um comité oficial que tem por função outorgar o seu emprego, regendo-se por diretrizes redigidas por organizações internacionais (como o ISO, nomeadamente a norma R/704) e que pretendem harmonizar a criação terminológica. Na secção seguinte falarei dos organismos reguladores.

O resultado da avaliação das propostas, ainda de acordo com Cabré (1993), poderá passar por diferentes soluções

puede aceptarse una sola propuesta como forma normalizada (...); puede aceptarse más de una propuesta en relación de equivalencia; puede aceptarse más de una propuesta priorizando una alternativa (...); puede aceptarse un préstamo sin modificar ningún aspecto ni formal ni funcional del mismo; puede aceptarse un préstamo adaptándolo formal y/o funcionalmente al sistema de la lengua que lo acoge (*ibidem*, p. 453)

É evidente que as propostas também podem ser recusadas por não satisfazerem o comité de normalização. As políticas de normalização variam de país para país, uma vez que os países tendem a procurar referências nas línguas da mesma família (como o português, que, a dada altura, importou várias palavras da língua francesa).

4. Os organismos reguladores

Segundo Rey (1992) a «normalização» é o conjunto das regras necessárias para a coerência do trabalho dos vários utilizadores de terminologia, desde os documentalistas (que efetuam toda a indexação de palavras-chave, organizadas, mais tarde, em dicionários de especialidade) aos tradutores. O sistema ISO (citado em Lerat (1995, p. 114)) define «normalização» como “(...) activité propre à établir, face à des problèmes réels ou potentiels, des dispositions destinées à un usage commun ou répété”. Cabré (1993, pp. 427–429) reitera a definição do ISO e complementa-a com alguns princípios fundamentais do ato de «normalização» dos quais passo a enumerar dois: “(...) acto de simplificación que reduce la variedad en favor de la uniformidad (...); (...) debe llevarse a cabo mediante consenso (...)”.

Existem dois tipos de organismos reguladores de terminologia, tendo em conta o domínio de atuação: organismos de nível nacional e organismos de nível internacional (Cabré, 1993).

A nível nacional, salientam-se as comissões técnicas normativas que fomentam a descentralização dos organismos maiores, mas que são fundamentais pelo seu contributo especializado em cada área tratada. Em Portugal, podem-se encontrar comissões especializadas em terminologia nas áreas do sistema de fornecimento de energia elétrica, em eletrónica de potência, entre muitos outros³.

Os organismos principais a nível internacional são o IEC (International Electrotechnical Commission), fundado em 1904 e com sede em Genebra (em Portugal, o Instituto Português de Qualidade responde a esta organização) e o ISO (International Organization for Standardization), criado em 1946, substituindo o ISA (International Federation of the National Standardizing Associations) (Cabré, 1993, p.433).

Rey (1992, pp. 116–119) salienta o papel destes organismos na harmonização do vocabulário e na sua fixação. Para além disso, o Autor salienta o papel dos documentos oficiais (como relatórios, atas, resoluções, entre outros) de organismos, como a ONU, que fazem do tradutor um membro indispensável para a propagação terminológica.

³ Informação retirada do sítio da Internet do IPQ, <http://www1.ipq.pt/PT/Normalizacao/ComissoesTecnicas/Pages/CTE.aspx>

Num plano global, deve-se ainda reconhecer a importância do Infoterm – plataforma criada por Wüster – que trabalha em comunhão com muitos outros organismos que coordenam a atividade terminológica. O Infoterm desenvolve políticas terminológicas e padroniza princípios, métodos e aplicações para as normas que governam toda a rede de cooperação global desta plataforma.

5. Repositórios de termos: dicionários e bases de dados

Não desconsiderando o trabalho hercúleo de classificação e organização terminológica, os resultados finais materializados em dicionários ou bases de dados levantam algumas problemáticas para o tradutor que neles procura auxílio.

5.1. Dicionários

Lerat (1995, pp. 96-98) explicita algumas destas questões, nomeadamente o facto de os dicionários bilingues serem pobres para um tradutor, uma vez que este terá de recorrer a dicionários monolingues da língua de partida para apreender os vários significados das soluções propostas. O autor reitera ainda que “Rares sont les dictionnaires bilingues qui offrent une sécurité suffisante pour dispenser de ce détour long et aléatoire”.

5.2. Bases de dados

As *bases de dados* constituem repositórios de informação de uma determinada área. Estas podem ser organizadas de diversas maneiras, mas têm um objetivo comum: agregar toda uma coleção de dados que seja de fácil utilização para o especialista ou utilizador da mesma. Contudo, estas bases de dados correm o risco de serem redundantes, são unifuncionais no sentido em que têm um público-alvo excessivamente determinado e limitado e raramente propõem uma definição para os termos inseridos.

Não obstante, o trabalho documental deve persistir, pois é do interesse de todos os seus utilizadores a resolução dos problemas suscitados pelo surgimento de novos termos e novas noções.

Terminando, assim, este segundo capítulo, parte-se agora para o terceiro capítulo, que tratará dos processos de formação de neologia.

Capítulo 3

Terminologia e Neologia

Na sua obra *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*, Inês Duarte (2000, p. 83) evidencia o caráter da língua como unidade viva e dinâmica:

(...) o léxico de uma língua, longe de constituir um fundo estático, pode antes ser concebido como uma base de dados em actualização permanente. Itens há que desaparecem (os arcaísmos (...)), outros sofrem alterações de vários tipos no seu significado, outros ainda são criados por diversos processos (os neologismos).

Edward Sapir (citado em Ullmann (1987, p. 401)) fala-nos da língua como uma corrente onde “todas as palavras, todos os elementos gramaticais, todas as locuções, todos os sons e acentos são configurações que mudam lentamente, moldados pelo curso invisível e impessoal que é a vida das línguas (...)”. E é com esta imagética de «curso de água» que os lexicólogos fundamentam a evolução de uma língua que vai interferindo com outras e se vai desenvolvendo de acordo com fatores sociais e culturais (Pavel, 1989, p. 126). Ou seja, a língua é um universo em permanente expansão que vai tocando outros universos, dando origem a mudanças internas que irão afetar os falantes e as suas representações do mundo. Como é óbvio, é impossível prever exatamente quando serão adotadas as novas palavras e quais serão as palavras adotadas.

A criação de palavras novas é, em toda esta dinâmica inerente à vida das línguas, porventura a mudança mais visível.

No âmbito muito concreto das línguas de especialidade, e da construção das terminologias que as constituem, esta questão apresenta contornos muito particulares e tem, por isso, merecido, nas últimas décadas, diferentes estudos e abordagens.

Neste capítulo, proponho-me abordar os processos de criação de palavras novas no âmbito da criação terminológica. Começarei por fazer uma breve distinção entre *empréstimo*, *estrangueirismo* e *neologismo*, do ponto de vista essencialmente linguístico. Apresentarei, de seguida, algumas propostas de abordagem teórica do processo de criação terminológica, nomeadamente os trabalhos de Alain Rey (1972), Louis Guilbert (1975), Peter Newmark (1988) e Pierre Auger e Louis-Jean Rousseau (1978).

1. Estrangeirismo, Empréstimo e Neologismo

Podemos dizer que *estrangeirismo* e *empréstimo* são a evolução pela qual um determinado termo passa antes de ser assimilado pelos nativos da língua de chegada. Pode-se, então, considerar que o *estrangeirismo* é “qualquer termo proveniente de um idioma estrangeiro” (Jesus, 2012, p. 113) e que o *empréstimo* é a segunda fase do processo, durante a qual esses termos (ou alguns deles) são assimilados e adaptados segundo uma tipologia exaustiva, que engloba todos os níveis da língua – desde o nível fonético e gráfico ao nível semântico, passando pelo nível morfossintático (Pavel, 1989, p. 133). Esta não é, no entanto, uma questão consensual e os limites entre os dois conceitos e a definição do momento a partir do qual já não falamos de *estrangeirismo* e passamos a falar de *empréstimo* é ainda assunto pouco claro, do ponto de vista teórico.

Numa outra perspectiva, e num plano porventura mais global, discutem-se também as motivações e os contextos que estão na origem destes fenómenos. Se, por um lado, se podem apontar razões da ordem da proximidade - de maior ou menor proximidade das línguas e de modelos culturais e da maior ou menor excentricidade e exotismo (Hope, 1971, p. 713) – e do prestígio, por outro há que ter em consideração outras motivações, mais concretas e sistemáticas, relacionadas, por exemplo, com a necessidade da criação de plataformas de partilha internacional de práticas profissionais (técnicas e científicas).

O conceito de *neologismo*, por seu lado, refere-se à criação, numa língua, de novas palavras ou à atribuição de novos sentidos a palavras já existentes. Mas a distinção entre os três conceitos não é tão linear como poderia parecer – alguns teóricos consideram que os *estrangeirismos* e os *empréstimos* são formas de *neologismos* (Reuillard & Bevilacqua, 2012, p. 13). Num sentido mais lato, *neologismo* diz então respeito à criação, numa língua, de novas palavras, seja por via da (re)utilização de unidades já existentes, seja por via do *empréstimo* de unidades de outros sistemas linguísticos. No âmbito deste trabalho, interessa observar este fenómeno no contexto concreto da criação de termos nas línguas de especialidade.

De forma a não tornar a leitura deste texto exaustiva e dispersa, irei considerar os três fenómenos isoladamente, sem pôr em causa, obviamente, as relações estreitas que mantêm entre si e outras propostas de abordagem.

1.1. O estrangeirismo

O *estrangeirismo* designa uma “palavra ou expressão estrangeira usada num texto em vernáculo, tomada como tal e (ainda) não incorporada ao léxico da língua receptora” (Houaiss, 2003, p. 1634).

M. Rodrigues Lapa (1984, pp. 46 - 52) aborda a questão da utilização do *estrangeirismo*, tanto ao nível da prática da tradução como ao nível linguístico. O autor conduz-nos à já muito explorada afirmação de que “tradução é perda” (Bassnett, 2005, p. 38), pois não existem “palavras com valor absolutamente igual” (Lapa, 1984, p. 47) e, muitas vezes, ao tentarmos encontrar uma substituição para uma palavra que numa determinada língua sugere tanto ao leitor nativo, corremos o risco de “esconder” ao novo leitor traços de sentido fundamentais para uma completa perceção da mensagem. Também de acordo com Vinay & Darbelnet (1977, p. 47) e Alves (1990, p. 72-73) este procedimento é frequentemente utilizado para introduzir uma cor local em traduções que tratam culturas bastante particulares.

O poder da palavra é uma das questões linguísticas mais singulares, pois uma simples palavra pode evocar o mais forte dos sentimentos ou conduzir ao imaginário as mais variadas representações. Pascoaes (1988, p. 83) evoca a retumbância da palavra *remoto* na seguinte passagem: “Nela [na palavra *remoto*] se adivinha a alma da Tentação, dolorida do espaço infinito em que se perde. A sua pronúncia lembra um canto de ave noturna, feito de penumbra e distância”. Ullmann (1987, p. 190) refere que o poeta francês Paul Claudel “descobre nos dois *tt* da palavra francesa *toit* («telhado») as ditas empenas de uma casa (...)”.

Lapa (1984, p. 52) enumera as seguintes vantagens do *estrangeirismo*: “aumenta o poder expressivo das línguas; esbate a diferença dos idiomas, tornando-os mais compreensivos; e facilita, por isso mesmo, a comunicação das idéias [*sic*] gerais”.

Distinguindo-se dos *empréstimos*, alguns autores consideram que os *estrangeirismos* são incapazes de produzir derivados (Haspelmath, 2009, p. 43; Houaiss, 2003, p. 1634). No entanto, Mateus e Nascimento (2005, p. 38-46) evidenciam claramente o oposto. Antes de ser *empréstimo*, já o *estrangeirismo* revela no seu

comportamento a aproximação à língua de integração. Assim, as autoras consideram que existem três fases de integração dos *estraneirismos* numa língua :

- uma primeira, em que a palavra sofre transformações imediatas - como a adaptação fonética, a atribuição de um novo valor género ou a adoção de apenas um dos vários significados que a mesma palavra tem na língua de origem;
- uma segunda fase, em que o termo sofre transformações progressivas - como a fixação da acentuação da palavra, as inflexões necessárias, a formação de novas palavras a partir do *estraneirismo* ou, ainda, o “aparecimento de formas gráficas em alternativa às da língua de origem”;
- e uma terceira fase, em que o termo é integrado no léxico através da fixação do género e do número, da possibilidade de derivação e da polissemia.

1.2. O empréstimo

O *empréstimo* é uma “incorporação ao léxico de uma língua de um termo pertencente a outra língua” (Houaiss, 2003, p. 1463). Na gramática francesa *Le Bon Usage* diz-se que «On appelle **emprunts** les éléments qu’une langue, au cours de son histoire, a pris d’autres langues» (Grevisse & Goosse, 2011, p. 203 - ênfase no original). Esta dimensão histórica do fenómeno opõe fundamentalmente *empréstimo* ao “fonds primitif” das línguas (Grevisse & Goosse, 2011, p. 203). É a esse *fonds primitif*, enquanto conjunto das palavras cuja existência coincide com a existência da própria língua que cabe garantir a nomeação das *realidades fundamentais* (*ibidem*, p. 204).

É consensual que os processos de adaptação à língua de chegada destes empréstimos ocorrem nos diferentes planos de análise linguística: (i) semântico, (ii) morfossintático e (iii) fonético e gráfico.

Do ponto de vista semântico, o(s) sentido(s) adotado(s) não coincide(m) necessariamente, nem exatamente, com o(s) sentido(s) em uso na língua de origem. Em *Le Bon Usage* (Grevisse & Goosse, 2011, p. 206), dá-se como exemplo o empréstimo da palavra *building*, que, em francês, passou a designar um “vaste immeuble à nombreux étages” (Le Petit Larousse illustré). Faraco (2001, p. 134) dá-nos o exemplo

do termo *campus* que foi adotado pela cultura inglesa para designar, por extensão do significado do termo original («largo espaço»), a “área onde se concentram edifícios, instalações e terrenos de uma universidade” (*campus in* Dicionário Priberam). Foi também nesta aceção que, no decorrer do século XX, a língua portuguesa adotou o termo (Faraco, 2001, p. 134).

Stephen Ullmann (1987, p. 341) sublinha também os casos de “mudança de significado de uma palavra já existente” por influência de uma outra língua. O autor dá o exemplo do termo francês *parlement* («fala», «discurso») que originou o termo inglês *parliament* («assembleia legislativa»). Integradas já na nova língua, estas palavras passam a estar disponíveis para alargamentos semânticos, em função de necessidades internas ao sistema (Mateus e Nascimento, 2005, p. 38-46).

Do ponto de vista fónico/gráfico e morfossintático, refere Moacir Amâncio (2005, p. 67) que “os empréstimos, em geral, adotam as (...) características fonológicas e morfológicas da língua de chegada”. Assim, a integração destes termos na nova língua passa naturalmente por adaptações, quer da ordem da pronúncia e da grafia [Mateus e Nascimento (2005, p.39) referem como exemplo a nasalização no termo inglês *fra[n]chising: fr[ẽ]chising*], quer da ordem da flexão e da sintaxe.

Alguns outros exemplos de empréstimos na língua portuguesa são *futebol* e *garçom*.

1.3. O neologismo

O *neologismo* caracteriza-se pelo “emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não; atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua” (Houaiss, 2003, Tomo III, p. 2605). Pavel (1989, p. 126) explica que o termo foi utilizado pela primeira vez em 1735, numa fábula alegórica, e que inicialmente tinha uma conotação pejorativa. “O sentido moderno de «neologismo» remonta a 1800”, afirma a autora, quando se concluiu que a introdução de novos termos servia para enriquecer uma língua e não a “ridicularizar”. Em suma, o *neologismo* resolve a necessidade de enunciar noções até aí inexprimidas.

Hermans e Vansteelandt (1999, p. 38) afirmam que:

la perception du néologisme est aussi liée au sentiment linguistique du locuteur, à qui un mot «semble» nouveau, au degré de diffusion du terme dans la communauté linguistique et au fait que le néologisme peut se fonder sur la traduction d'idées non originales, mais exprimées de façon inédite, pour exprimer une certaine vision du monde.

O caráter «abstrato» e «concreto» das línguas também influencia o seu comportamento em relação à assimilação destes termos. Quando se fala de uma língua «abstrata», fala-se de uma língua com termos genéricos, mais dependentes do contexto, para fazer referência às ações ou propriedades; quando se fala de uma língua «concreta» estão em causa processos que envolvem a adição de prefixos ou sufixos, ou ainda de advérbios e preposições para a construção de conceitos mais precisos e minuciosos (cf. Ullmann, 1987, p. 252). O português do Brasil é, segundo Amâncio (2005, p. 66), um exemplo de uma língua abstrata, pois é bastante recetivo à introdução de *estraneirismos* (veja-se o exemplo de *mouse, AIDS*). Já o alemão, sendo uma língua «concreta» (Ullmann, 1987, p. 252) tenta resolver as lacunas linguísticas com compostos (“especificando os seus [do verbo] diversos aspectos e matizes” (*ibidem*, p. 253)) e traduzindo os termos estrangeiros como forma de assimilação linguística.

Refletindo sobre o “sentimento de neologia”, refere Alves (1990, p.83) que a integração de um termo novo no léxico de uma língua passa também por mecanismos de consciência metalinguística, ou seja, o novo termo será ponderado através de vários processos que compreendem esta mesma consciência metalinguística (envolvendo mecanismos que operam ao nível fonológico, lexical e sintático (Barrera & Maluf, 2003)).

A partir da vasta literatura existente na área, é possível concluir que não existe uma opinião dogmática ou consensual quanto aos tipos e subtipos de processos de criação neológica. Alguns autores distinguem apenas quatro tipos de neologismos (como Louis Guilbert (1975)); outros enumeram sete (como Carles Tebé (2006)); e o Dicionário Terminológico conta as onomatopeias entre os neologismos.

Alves (1990) identifica diferentes mecanismos de criação neológica produtivos no português do Brasil. Distingue globalmente dois grandes tipos de neologismos: (i) neologismos formados a partir de recursos já existentes na língua e (ii) neologismos formados por recurso ao empréstimo de itens oriundos de outras línguas. Os primeiros

subdividem-se ainda nos seguintes subtipos: *neologia fonológica*, *neologia sintática* (que inclui processos como a derivação e a composição), *conversão* ou *derivação imprópria*, *neologia semântica*, e outros processos (como a truncção, a palavra-valise, a reduplicação, a derivação regressiva).

Na secção dois deste capítulo encontram-se outras quatro tipologias.

1.3.1 Neologismos e neónimos

No quadro da criação terminológica, alguns autores distinguem neologismos e neónimos, considerando o facto de o segundo designar novas palavras de áreas técnicas enquanto o primeiro se refere a novos termos da língua geral. Quando se trata de terminologia técnica nova é um comité oficial criado para o feito que outorga o seu emprego – e esta é também uma diferença importante entre neologismos e neónimos (Cabré, 1993, p. 447).

Cabré (*idem*, pp. 446-447) considera os seguintes fatores como sendo específicos dos neologismos:

- surgem sem motivação (em oposição aos neónimos que surgem por necessidades denominativas) e são normalmente efémeros;
- convivem com os seus sinónimos (opondo-se aos neónimos, uma vez que a existência de sinónimos pode deturpar o seu significado), o que resulta na adoção de um valor estilístico específico;
- tendem a ser palavras simples;
- recorrem às formas antigas e dialetais da língua;
- apenas existem na língua onde são criados (ao contrário dos neónimos que se podem internacionalizar).

Os neónimos devem ser claros, precisos, concisos e conseguir constituir formas derivacionais (*ibidem*, p. 451). A nível sociolinguístico, não devem apresentar conotações ou associações negativas, devem ser parte integral de um registo formal e, ainda, ser passíveis de fácil memorização (*ibidem*, p. 452). Além destes critérios, é interessante verificar as várias opções pelas quais poderá passar a normalização dos neónimos (e volto a citar):

uede aceptarse una sola propuesta como forma normalizada (...); puede aceptarse más de una propuesta en relación de equivalencia; puede aceptarse más de una propuesta

priorizando una alternativa (...); puede aceptarse un préstamo sin modificar ningún aspecto ni formal ni funcional del mismo; puede aceptarse un préstamo adaptándolo formal y/o funcionalmente al sistema de la lengua que lo acoge (*ibidem*, p. 453)

Como disse, as propostas também podem ser recusadas pelo comité de normalização. Existem, para tal, diretrizes redigidas por organizações internacionais (como o ISO, nomeadamente a norma R/704) que pretendem harmonizar a criação terminológica.

2. Processos de Criação de Neologismos. Tipos de Neologismo

Como afirmado acima, não existe um consenso na distinção entre os vários tipos de neologismos. Como tal, irei apresentar as tipologias propostas por Alain Rey (1992), Louis Guilbert (1975), Peter Newmark (1988) (especificando, assim, o contexto anglófono da formação de neologia) e Pierre Auger e Louis-Jean Rousseau (1978).

2.1. Alain Rey

A tipologia proposta por Alain Rey (1992, p. 69) fundamenta-se na natureza dos próprios termos e na “nouveau des notions”, podendo ser agrupados em três categorias: *formal*, *semântica* e *pragmática*.

Os *neologismos de natureza formal* incorporam todas as palavras derivadas (afixação) ou compostas, as siglas (que o autor descreve como sendo formações novas que têm como principal característica o facto de não apresentarem nenhuma transformação semântica) e acrónimos e os empréstimos. Exemplos deste tipo de neologismos são *democrataintment*, *produser* ou *AWC* (exemplos retirados de Carpentier (2011, p. 96)).

Os *neologismos de natureza semântica* é uma categoria que encontraremos também nos restantes autores e que designa formas que ganham novos sentidos (como o exemplo do galicismo *réaliser* que a língua inglesa adotou com o sentido de “tomar consciência de algo” (= *realize*)).

Finalmente, os *neologismos de natureza pragmática* compreendem a transferência de termos de uma área de especialidade para uma outra área de especialidade.

2.2. Louis Guilbert

Em primeiro lugar, este autor diferencia dois tipos de criatividade lexical: a *neologia denominativa* e a *neologia estilística*. A primeira corresponde à necessidade de nomear um novo objeto ou um novo conceito (Guilbert, 1975, p. 40). A *neologia estilística*, pelo contrário, é um processo de criação que pretende exprimir ideias não originais de uma nova forma. Este processo “est liée à l’originalité profonde de l’individu parlant, à sa faculté de création verbale, à sa liberté d’expression” (*ibidem*, p. 41). Conclui-se, portanto, que este último processo está mais ligado à criação literária ou artística, podendo-se contabilizar como exemplo os autores James Joyce, Heinrich Heine ou Eugène Ionesco (*cf.* Reuillard & Bevilacqua, 2012, p. 11).

Partindo destes dois tipos de criatividade, Guilbert (1975, p. 60) propõe uma tipologia composta por quatro formas de neologismo: a *neologia fonológica*, a *neologia sintagmática*, a *neologia semântica* e a *neologia por empréstimo*.

A *neologia fonológica* compreende a articulação de sílabas com valores distintos, que na sua combinatória dão origem a uma nova estrutura fonética (*ibidem*). Pela sua explicação, pode-se concluir que este processo ocorre muito raramente, sendo mais utilizada na formação de onomatopeias (como *tique-taque*).

A *neologia sintagmática* corresponde à combinação de sintagmas lexicais, dando origem a palavras novas (incluindo a derivação).

A *neologia semântica* (quase por oposição à fonológica) tem origem numa nova aceção dada a uma palavra já existente. O autor considera que esta se distingue de todas as outras formas de neologia, uma vez que tem por base uma palavra já existente que não sofre qualquer alteração morfo-fonológica (*ibidem*, p. 64).

Guilbert considera que a *neologia por empréstimo* está intrinsecamente ligada à história cultural de uma língua. Ou seja,

Aucun peuple, en effet, n’a pu développer une culture entièrement autochtone, à l’abri de tout contact avec d’autres peuples, qu’il s’agisse de guerres ou de relations économiques, si bien que, nécessairement, sa langue s’est trouvé en rapport avec une ou d’autres langues, et en a reçu une influence quelconque (...). (1975, p. 89)

Este autor distingue entre *empréstimo denotativo* e *empréstimo conotativo*. O primeiro designa nomeações de produtos ou conceitos criados num país estrangeiro, sendo importados usualmente de países dominantes económica e cientificamente, enquanto os *empréstimos conotativos* resultam de uma adaptação cultural. Este último conceito é resultante da sociedade de consumo em que estamos inseridos e também da própria

globalização. Guilbert (*idem*, p. 91) dá os seguintes exemplos de *empréstimo conotativo*: *shopping*, *gadget*, *suspense* ou *pizzeria*.

2.3. Peter Newmark

Newmark (1988) considera que os neologismos podem ser agregados em dois grandes grupos, subdivisíveis, por sua vez, em doze tipos de neologismos. O primeiro grupo é composto pelas unidades lexicais que ganham novos sentidos (podendo ser palavras ou sintagmas), enquanto o segundo grupo comporta todas as novas formas: “new coinages; derived words (including blends); abbreviations; collocations; eponyms; phrasal words; transferred words (new and old referents); acronyms (new and old referents); pseudo-neologisms; internationalisms” (*ibidem*, p. 150).

O tipo de neologismo que mais se destaca na tipologia de Newmark é o que este designa de “phrasal words”, pois demonstra a riqueza da criação lexical da língua inglesa e a sua agilidade em converter verbos em substantivos. Em contexto de tradução, o autor considera que este tipo de neologismo é mais *económico* (*ibidem*, p. 147) e mais coloquial do que os correspondentes encontrados para as línguas de chegada. Vejam-se os seguintes exemplos: *lookalike* (normalmente traduzido por *semelhante*); *trade-off* (normalmente traduzido por *compromisso*); *laid-back* (normalmente traduzido por *descontraído*).

2.4. Pierre Auger e Louis-Jean Rousseau

Estes terminólogos consideram que existem três tipos de criação neológica: *neologia de forma*; *neologia de sentido*; e *empréstimo* (Auger & Rousseau, 1978, pp. 55-57).

A *neologia de forma* designa novas criações a partir do sistema morfológico da própria língua. Nesta categoria incluem-se todos os termos criados por afixação (sejam prefixos ou sufixos) (como *équilinguisme*), todos os compostos ou sintagmas provenientes de palavras já existentes (como *convoyeur-espaceur* ou *détecteur de givre*), siglas e acrónimos e, ainda, a mudança gramatical.

A *neologia de sentido* refere-se às novas conceções conferidas a termos já existentes. Auger e Rousseau (*idem*, p. 56) consideram que estas alterações podem

ocorrer de quatro formas: um termo geral é adotado por uma língua de especialidade (como a palavra *charme* que passou a exprimir particularidades na física nuclear); um termo técnico passa para uma terminologia pertencente a uma outra língua de especialidade; um termo passa de uma língua de especialidade para a língua geral; e, finalmente, um determinado termo polissémico poderá gerar um termo monossémico que cumprirá o desígnio inicial do termo, num dado campo especializado.

Por último, o autor considera o *empréstimo* como sendo uma forma de neologia. O *empréstimo* pode surgir na sua forma original ou sofrer alterações de cariz fonético ou morfológico para facilitar a sua pronúncia. A principal característica do *empréstimo* é que este é monorreferencial e monossémico (podendo ser, contudo, polissémico na língua de origem), uma vez que é importado para designar um conceito muito específico na língua de chegada.

Dando, assim, por concluído este capítulo, passo agora para o capítulo 4, que incidirá sobre os processos de tradução e o papel do tradutor na criação e na divulgação da neologia.

Capítulo 4

A Tradução de Neologismos

O processo de tradução é comparado por Newmark (1988, p. 12) a um icebergue, sendo o texto traduzido (o resultado) simplesmente a sua parte mais visível (ou superficial) e o ato (percurso) tradutório - a *tradução* propriamente dita – aquilo que, com toda a sua complexidade, lhe fica submerso.

Neste capítulo, refletirei brevemente sobre algumas fases e aspetos do processo tradutório, desde a receção da “encomenda” de trabalho até ao resultado final, passando por diversos outros momentos e tomadas de decisão que envolvem um maior ou menor comprometimento por parte do tradutor. É meu objetivo destacar sobretudo o papel decisivo do tradutor na construção dos neologismos, em contexto de tradução técnica.

Começarei por fazer algumas considerações genéricas sobre a tradução (Secção 1), relacionadas com a encomenda de tradução, suas coordenadas e circunstâncias, e com a importância da(s) leitura(s) do texto. Num segundo momento (Secção 2), delimitarei algumas das principais características da tradução de texto técnico. Na última secção (Secção 3), refletirei sobre o comportamento do tradutor face aos neologismos, tendo por base a tabela proposta por Newmark (1988).

1. Algumas Considerações

1.1. A Encomenda de Tradução

Aquando da receção de um texto para traduzir e da respetiva *encomenda* cabe ao tradutor começar por determinar alguns aspetos, relacionados com as circunstâncias e coordenadas da produção do texto, que irão governar as suas escolhas ao longo do trabalho, nomeadamente, e de acordo com Christiane Nord (apud Munday, 2001, p. 82) “the intended text functions; the addressees (...); the time and place of text reception; the medium (...); the motive”.

Nesse sentido, são diversas as tipologias propostas por diferentes autores, no sentido de criar estratégias que garantam uma melhor compreensão da génese do texto

e, conseqüentemente, um trabalho de tradução mais adequado e eficaz. Considerem-se os trabalhos de Newmark (1988), Chesterman (2002), Venuti (2002), Holz-Mänttari (1984) ou Vermeer (1978). Neste contexto, têm sido propostas diferentes tipologias, desde tipologias de análise de texto - que se concentram “on describing the way in which texts are organized” (Munday, 2001, p. 89) - a tipologias de análise de linguagem – que destacam “the way language communicates meaning and social and power relations (*idem*, p. 89).

Não querendo alargar em demasia esta secção (ainda mais tendo em conta toda a extensa bibliografia existente nesta área) irei apenas referir três aspetos, de modo muito genérico, que o tradutor deve ter em conta antes de iniciar o processo tradutivo:

- a **intenção do texto** revela-se um fator fulcral na realização da tradução, podendo ser incompreensível para o tradutor, uma vez que cada leitura é uma interpretação sujeita aos mais diversos fatores extralinguísticos. O tradutor deverá perceber se o texto é informativo, promocional, argumentativo, instrucional, entre outros, pois este conhecimento irá determinar as suas escolhas (como o tom adotado, o vocabulário ou as estruturas gramaticais (Newmark, 1988, p. 12)).
- o **leitor-alvo da tradução**, determinará igualmente algumas das escolhas do tradutor. É, por isso, importante conhecer algumas das características do leitor, designadamente o nível de escolaridade, a classe social, a idade ou o grau de conhecimento relativamente aos vários assuntos tratados no texto. Este último fator permitirá ao tradutor fazer uma melhor gestão e adaptação das informações do texto original (Nord, 2005, p. 58).
- a **qualidade do texto** é medida de acordo com a intenção do autor e os requisitos do assunto tratado (Newmark, 1988, p. 16). O texto poderá estar “mal escrito” ou não estar propositadamente de acordo com as convenções linguísticas; porém, cabe ao tradutor verter o texto tal qual, pois a expressão escrita poderá ser representativa da intenção do autor (poderá ser um autor inovador ou ter apenas uma forma muito particular de escrever). Neste contexto, ganham particular importância as noções de *coesão* e *coerência*, definidas na *Gramática*

do Português por Amália Mendes (in Raposo et al., 2013, p. 1694) da seguinte forma:

A **coerência** assegura que as relações entre as entidades e as situações estão acessíveis aos falantes, são lógicas para eles e são adequadas ao seu conhecimento do mundo. Assim, a coerência não está apenas limitada às propriedades textuais, mas resulta de processos cognitivos.

A **coesão** textual assenta na retoma adequada de entidades referidas anteriormente no texto, na articulação de informação conhecida, já apresentada, com informação nova trazida por cada frase subsequente, na progressão dos temas introduzidos, na utilização de marcadores que asseguram a coesão entre as frases e na coesão temporal entre as situações expressas nas frases.

1.2. A Leitura do Texto

Antes de se proceder ao ato de tradução, o tradutor terá de fazer tipos de leitura distintos para ser capaz de entender as conotações e as denotações do texto e seus constituintes. O tradutor-leitor deverá recorrer a dicionários, enciclopédias e ensaios relevantes de modo a compreender o assunto e os conceitos descritos, nomeadamente quando se trata de um texto técnico (Newmark, 1988, p. 11). O mesmo autor (1988, p. 17) reitera a importância de sublinhar “all neologisms, metaphors, cultural words and institutional terms peculiar to the SL or third language, proper names, technical terms and ‘Untranslatable’ words”.

O tradutor deve, portanto, ler o texto de forma crítica, já que poderá ter de o reconstruir “(...) for a different readership in a different culture” (*idem*, p. 18).

1.3. Estratégias de tradução

Andrew Chesterman (in Chesterman & Wagner (2002, pp. 60 - 63)) enumera três estratégias textuais que intervêm no processo tradutivo: *estratégias sintáticas*, *estratégias semânticas* e *estratégias pragmáticas*.

A nível *sintático*, as estratégias utilizadas são, por exemplo, o decalque (que consiste na transferência literal da expressão original para a língua de chegada), a mudança de estrutura da frase (“changes at the level of the phrase, including number, definiteness and modification in the noun phrase, and person, tense and mood in the

verb phrase” (Chesterman & Wagner (2002, p. 60)) ou a transposição (alteração da classe das palavras).

As *estratégias semânticas* referem-se a alterações de significado lexical, figurativo ou temático (questões de sinonímia, hponímia ou paráfrases).

Por último, as *estratégias pragmáticas* dizem respeito ao tratamento das informações presentes no texto de partida, tendo em conta o novo público-alvo.

Além disso, como afirmado por Newmark (1988, p. 24), o tradutor deverá certificar-se de que “your translation makes sense; that it reads naturally, that it is written in ordinary language, the common grammar, idioms and words that meet that kind of situation” e ainda que a pontuação se encontra adaptada às convenções linguísticas da cultura de chegada (por exemplo, as convenções que determinam os sinais gráficos ou as questões de pontuação).

2. A Tradução do Texto Técnico

Como já referido no primeiro capítulo desta segunda parte, a linguagem técnica é constituída por terminologias específicas criadas a partir da língua geral. A tradução do texto técnico deve, por isso, começar pelo levantamento e tratamento de todos os termos e outros elementos, nele presentes, relacionados com a área técnico-científica em causa. Não sendo em número muito significativo (Newmark (1988, p.151) estima que a terminologia perfaz, por norma, apenas entre 5 a 10% da totalidade do texto), este conjunto de itens são uma componente fundamental neste tipo de textos. Para além deste levantamento, o tradutor deve estudar atentamente as convenções linguísticas do par de línguas, como sejam, por exemplo, os sistemas de unidades de medida (pense-se, a título de exemplo, na conversão de milhas para quilómetros, quando traduzimos um texto de inglês para português).

Por outro lado, importa ter em consideração a intervenção ao nível global da construção do texto. Dada a natureza específica deste tipo de textos, o tradutor é muitas vezes chamado a reformular as estruturas textuais, quer no plano morfossintático, da unidade frase ou da palavra, quer no plano textual, das ligações interfrásicas. A este

propósito, o do papel do tradutor, como um *professional writer*, é interessante verificar a posição de Peter Newmark (1988, p. 159):

In a technical translation you can be as bold and free in recasting grammar (cutting up sentences, transposing clauses, converting verbs to nouns, etc.) as in any other type of informative or vocative text, provided the original is defective. Here particularly you, who are a professional writer, should produce a better text than the writer of the original, who is not. However, with the terminology take no risks; play for safety. [sublinhados meus]

De modo sintético, Cabré (1993, p. 265) considera que a tradução do texto técnico deve ser correta, clara, concisa, precisa, unívoca, informativa, objetiva, elegante e ordenada.

3. O Tradutor-Neógrafo⁴

De acordo com Robinson (2003, p. 23), o tradutor é um leitor voraz detentor de numerosos interesses e que, para produzir uma tradução rigorosa, deverá gozar das seguintes características: ter em consideração, de modo meticuloso, as associações e conotações de cada palavra utilizada; e rever o seu trabalho, procurando soluções com especialistas da área caso surjam dúvidas (*idem*, p. 12). No caso específico da tradução técnica, o tradutor deve ainda ter bem presente o seu papel ora na construção, divulgação e partilha das terminologias, ora na gestão do equilíbrio entre preservação e inovação da língua de chegada.

Ao deparar-se com neologismos na língua de partida, o tradutor pode optar por traduzir ou não traduzir. Não traduzir será o caminho mais fácil, mas é provável que o tradutor seja atacado por «nacionalistas», ou «puristas da língua», que desprezam ou desdenham qualquer tipo de “contaminação” estrangeira na sua língua nativa (Guilbert, 1975, p. 94). Mas é também interessante verificar que as tentativas dos puristas para encontrarem uma palavra nativa acaba, muitas vezes, por evidenciar quão adequado é o termo estrangeiro, confirmando, assim, o seu direito de ser aceite (Hope, 1971, p. 712).

Ora, o tradutor tem plena noção da sua condição de preservador e inovador da língua. Como tal, recorre a duas ferramentas que irão enriquecer a língua que ainda

⁴ Termo utilizado por Reuillard & Bevilacqua (2012, p. 17)

carece do termo adequado para designar o seu correspondente da língua de partida: a *adaptação* e a *inovação*. A *adaptação* será uma forma de decalque, onde o termo terá apenas de se “adaptar às convenções fonéticas da língua de chegada sem a intervenção de uma análise mais informada” (Hope, 1971, p. 644). Por outro lado, a *inovação* constitui um processo de criatividade e de produção que tem em consideração todo o sistema lexical da língua de chegada. Para tal, o tradutor tem de conhecer toda a extensão, os aspetos e as dimensões do termo a traduzir e tentar verter todos os seus sentidos no novo termo (o que considero muito difícil, já que, como afirmado por T. E. Hope (1971, p. 662),

the content of most borrowed words changes during the act of transfer into the receiving language, and (...) as a rule the sphere of reference in the language of adoption is more restricted than in the language of origin; the meaning of a word covers only part of the meaning it had in the original language.

Segundo Hermans e Vansteelandt, se o tradutor considerar todos os aspetos do termo, ignorando a forma como este é expresso na língua de partida, irá certamente encontrar o aspeto que melhor corresponde e, assim, irá recorrer menos aos decalques (citados em Reuillard & Bevilacqua (2012, p. 16)).

De acordo com a taxinomia de Vinay & Darbelnet (1977, pp. 46 - 53) o tradutor pode optar por sete caminhos no seu ato tradutório:

- *l'emprunt* - empréstimo que resolve uma lacuna metalinguística, sendo o termo original transposto de forma direta para a LC, como, por exemplo, *rouble*, *datcha* ou *armagnac*;
- *le calque* - decalque, onde os sintagmas que compõem a palavra estrangeira são importados diretamente, como a expressão francesa “Compliments de la Saison” que é transferida para a língua inglesa como “Compliments of the Season”;
- *la traduction littérale* - tradução literal que comporta uma tradução palavra-a-palavra. Como exemplo, os autores dão-nos a frase “I left my spectacles on the table downstairs” que é traduzida para a língua francesa como “J’ai laissé mes lunettes sur la table en bas”;
- *la transposition* - transposição, onde uma parte do discurso é modificada sem mudar o seu sentido. Esta categoria poderá envolver várias modificações a nível

gramatical e considera-se que é o processo mais natural e que ocorre mais vezes durante o ato de tradução. Designadamente, no exemplo seguinte dá-se a alteração gramatical de advérbio para verbo: “He will *soon* be back” é traduzido para a língua francesa como “Il *ne tardera pas* à rentrer”;

- *la modulation* - modulação, processo que consiste na mudança do campo semântico, preservando a ideia original. Este tipo de tradução envolve vários processos e os autores consideram que é a marca de um bom tradutor quando este consegue mover-se nas duas línguas de forma a modular/modificar o que é dito, não perdendo o sentido. A modulação pode dar-se, por exemplo, através da passagem da negação para a afirmação, da voz passiva para a ativa ou do abstrato para o concreto;
- *l'équivalence* - equivalência que se refere a expressões fixas que existem nas duas línguas, mas que são formadas por estruturas diferentes, como as expressões idiomáticas;
- *l'adaptation* - adaptação que implica mudar os referentes culturais já que estes não existem na língua de chegada. Os autores dão o exemplo do desporto inglês críquete que poderá ser adaptado para a cultura francesa através da prova de ciclismo *Tour de France*.

Hermans & Vansteelandt (1999, p. 37) distinguem dois tipos de neologia: a *neologia primária* e a *neologia tradutiva*. A primeira é a neologia comum de formação de um novo termo que acompanha a formação de um novo conceito e a segunda ocorre quando um termo já existente é substituído por um equivalente numa outra língua.

Tendo em conta o papel crucial que o tradutor desempenha na língua, saliento a sua responsabilidade pela criação de neologismos que vão fixar terminologias. Hermans e Vansteelandt (1999, p. 38) estimam que 76% dos tradutores se consideram determinantes para a difusão de neologismos. Além desta sua função de «difusor de neologismos», o tradutor é um mediador que tem de dominar as duas culturas e línguas que intercede, a área que traduz e ser capaz de transmitir o texto que o autor escreveu (e não a sua perspetiva do texto).

Hermans e Vansteelandt (citados em Reuillard & Bevilacqua, 2012, p. 15) descrevem a posição do tradutor como criador de neologismo da seguinte forma:

embora um tradutor isolado não crie diariamente neologismos (...) o mundo da tradução desenvolve uma atividade neográfica variada e múltipla (...). De fato [*sic*], os tradutores devem produzir na língua de chegada um texto com as mesmas funcionalidades que o texto da língua de partida. O valor ligado ao neologismo, freqüentemente assinalado no microcontexto da língua de partida, isto é, no conjunto das informações veiculadas pela frase ou pelo parágrafo, requer freqüentemente um neologismo paralelo na língua de chegada. Uma perífrase faria desaparecer a funcionalidade do neologismo.

Ou seja, o tradutor tem de considerar sempre a função do texto original e mais ainda quando o texto é de ordem científica (já que a área da tecnologia e das ciências cria a maior parte dos neologismos (Amâncio, 2005, p. 64)).

Reuillard e Bevilacqua (2012, p. 16) enumeram os três princípios estabelecidos pela *neologia tradutória*: (1) “identifica a noção expressa pelo termo do texto de partida e reexpressa a seguir no texto traduzido”, ou seja, traduz a mensagem da forma mais aproximada ao original quanto possível; (2) cabe ao tradutor respeitar a terminologia de cada especialidade e “criar neologismos a partir das mesmas matrizes”, ou seja, tratando um texto de medicina, o tradutor irá criar neologismos a partir das formações greco-latinas; e (3) respeitar a coerência da língua de chegada, oferecendo a “possibilidade de engendrar derivados (...) [noutras] categorias lexicais”.

Segue-se agora uma explicação mais aprofundada dos dois primeiros princípios, já que o terceiro não carece de qualquer esclarecimento:

- 1) Não se traduz de uma língua para outra, ou seja, “o tradutor não procura sistematicamente equivalências para todos os termos do texto a traduzir” (Hermans & Vansteelandt, 1999, p. 38). A equivalência dos termos terá maior importância na tradução de textos especializados (pois estes são legitimados por uma terminologia específica), onde o tradutor “identifica a noção expressa pelo termo do texto de partida e reexprime em seguida a noção no texto traduzido” (*idem*). Relativamente a isto, Torres e Maciel (citados em Jesus (2012, p. 121)) falam de «barbarismos desnecessários» quando determinadas palavras, com significados diferentes na língua de chegada, adquirem novos sentidos que divergem em pleno da aceção do termo no original.

- 2) Os novos termos têm de respeitar a norma, pois “cada disciplina (...) [possui] termos matrizes terminológicos, que o fazem [ao tradutor] preferir certas leis de construção de termos” (Hermans & Vansteelandt, 1999, p. 39). Sabendo que existem equivalentes estabelecidos, o tradutor encontra-se, de certa maneira, limitado ao sistema dentro do qual ocorre o ato tradutivo.

No seu artigo, Kassai (1981, p.128) fala-nos das características «estéticas» inerentes à homogeneidade de um texto reclamado pelos puristas, ou seja, estes não utilizam estrangeirismos por desconfiança, mas sim porque encontram fundamento no ideal de beleza que preconcebe a língua como um «património». Como procede, então, um tradutor purista?

Este tradutor defensor da sua língua materna deve procurar exercitar as suas possibilidades expressivas, explorando-as de forma a conservar e a defender a sua língua num ato de extremo purismo. Verifica-se, então, uma recusa de manifestações estrangeiras à qual alguns autores chegam mesmo a chamar de «complexo de Édipo» (Kassai, 1981, p.128). Alain Rey (1972, p.23) considera “as relações lícitas entre a língua materna e a norma” o fantasma do incesto e a “defesa contra as agressões por eliminação” o fantasma da castração.

3.1. A Tradução de Neologismos

A tradução de neologia é um processo complexo, pois envolve algumas questões que o tradutor terá de ter em consideração. Existem vários tipos de neologismos (Peter Newmark (1988, p. 140) refere doze, como já anteriormente afirmado) e cada um deles requer um comportamento diferente dos restantes. No terceiro capítulo já explicitiei os vários processos de criação de neologismos, servindo este segmento como uma breve introdução ao que será dito adiante acerca da tradução de neologismos.

Newmark (*idem*, p. 149) defende que o comportamento do tradutor ao deparar-se com neologismos na língua de partida irá variar de acordo com o texto em questão. Caso seja um texto técnico, o tradutor não deve criar neologismos, exceto se tiver autoridade ou se os formar a partir de morfemas greco-latinos (*ibidem*). Contudo, quando tratando um texto literário, o tradutor tem (quase) o dever de criar neologismos.

Para tal, deverá ter a certeza de que o termo ainda não está traduzido. Seguidamente, deverá considerar o termo e a sua função (por exemplo, caso seja um termo onomatopaico, o tradutor deverá reproduzir o som correspondente na língua de chegada). O neologismo deverá ser apresentado entre aspas (*ibidem*).

O mesmo autor considera, ainda, que se deve proceder a uma análise (à qual chama “Componential Analysis” (Newmark, 1988, p. 114)) do termo original e compará-lo com um termo com significado semelhante na língua de chegada. As conotações do novo termo devem ser analisadas de modo que este seja compreensível fora do contexto. Esta técnica analítica desenvolvida por Newmark permite que o tradutor seja mais preciso na sua escolha, sendo o seu único objetivo “to achieve the greatest possible accuracy” (*idem*, p. 117).

Na tabela seguinte estão descritos os doze⁵ processos que Peter Newmark (1988, p. 150) considera serem adequados para a tradução de neologismos. Na primeira coluna encontra-se o tipo de neologismo (podendo ser um termo já existente ou um novo), na segunda coluna encontram-se os fatores contextuais que o tradutor tem de considerar para saber como proceder face ao termo e, finalmente, na terceira coluna encontram-se os doze processos de tradução.

Type	Contextual factors	Translation procedures
A. Existing lexical items with new senses	1. Value and purpose of neologism	1. Transference (with inverted commas)
1. Words	2. Importance of neologism to SL culture; TL culture; general	2. TL neologism (with composites)
2. Collocations		3. TL derived word
B. New forms	3. Recency	4. Naturalisation
1. New coinages	4. Frequency	5. Recognised TL translation
2. Derived words	5. Likely duration	7. Functional term

⁵ Apesar de Peter Newmark se referir sempre a doze processos, na sua obra apenas se contam onze, porventura por erro de impressão. Como tal, na tabela encontra-se a supressão do sexto procedimento.

(including bends)	6. Translator's authority	8. Descriptive term
3. Abbreviations	7. Recognised translation	9. Literal translation
4. Collocations	8. Existence of referents in TL culture	10. Translation procedure combinations (couplets etc.)
5. Eponyms	9. Transparency or opaqueness of neologism	11. Through-translation
6. Phrasal words		12. Internationalism
7. Transferred words (new and old referents)	10. Type of text	
	11. Readership	
	12. Setting	
8. Acronyms (new and old referents)	13. Fashion, clique, commercial	
	14. Euphony	
9. Pseudo-neologisms	15. Is neologism in competition with others?	
10. Internationalisms	16. Is neologism linguistically justified?	
	17. Is neologism likely to become internationalism?	
	18. Is neologism (acronym) being formed for prestige reasons)	
	19. Milieu	
	20. Status and currency of neologism in SL	

Tendo por base a tabela proposta por Newmark, irei agora exemplificar os procedimentos de acordo com o tipo de neologismo.

- a) Palavras existentes com novos sentidos – por norma, devem ser traduzidos por um termo funcional ou descritivo, como o caso já referido do termo *parlement* que veio a designar *parliament* ou o termo *window* que passou a designar uma nova realidade informática.
- b) Novas cunhagens – os termos criados de raiz designam, como já afirmado por diversas vezes, novas realidades. Alguns destes termos poderão ser nomes de marcas que são, usualmente, transferidos para a língua de chegada (como “Schweppes” ou “Persil”) ou são substituídos por um termo genérico (como a marca de gelados “Wall’s” conhecida em Portugal por “Olá”). De modo geral, estas novas cunhagens devem ser traduzidas por um termo equivalente ou, na inexistência deste, através de um termo descritivo.

Pode, então, concluir-se que os neologismos surgem principalmente a partir de três processos: formação de uma nova palavra; importação de um termo; ou atribuição de um novo significado a um termo já existente. Newmark expande estes procedimentos através da separação em dois grandes grupos e sub-classes dentro destes. Não obstante, interessa-nos reconhecer que o tradutor deverá atuar de acordo com o contexto extralinguístico, a intenção do texto e do neologismo e com a cultura na qual está inserida (existem culturas mais conservadoras que não aceitam novas cunhagens de modo leviano).

3º Parte

Sistematização
de Dados
Empíricos

Capítulo 1

Apresentação e tratamento dos termos analisados da Língua de Especialidade

Neste capítulo, procurarei sistematizar os problemas levantados pela tradução da obra *Media and Participation*, de Nico Carpentier. Como já afirmado, esta obra constituiu a principal tarefa de tradução durante o período de estágio e tem como tema a participação da população nos meios de comunicação social.

Grande parte dos problemas com que me deparei na tradução deste texto prende-se, globalmente, com a traduzibilidade dos termos técnicos (trata-se de criações neológicas, num total de 160 unidades, resultantes do recurso a diferentes processos linguísticos), nomeadamente com os problemas levantados pela tradução dos termos ainda não estabelecidos na língua de chegada.

Do ponto de vista do trabalho de tradução, e depois de identificados os conceitos técnicos a que os termos se referem, importa, pois, considerá-los em função da sua integração nas línguas de especialidade das duas línguas de tradução (língua de partida e língua de chegada). Nesse sentido, organizei os termos nas seguintes categorias:

- 1) grau de integração dos conceitos (ou mesmo dos próprios termos) na língua de especialidade da língua de chegada – alguns dos conceitos estão atestados em obras da especialidade (na variedade do PE ou outra), com equivalente ou empréstimo;
- 2) grau de integração dos termos na língua de partida – faço a distinção dos termos já integrados (dicionarizados ou atestados em diferentes obras) e dos termos criados pelo autor;
- 3) grau de integração dos termos no texto em causa – termos que integram o texto nuclear e termos que aparecem em citações de outros autores/obras.

Por outro lado, e tendo em vista sobretudo a resolução dos problemas levantados pela tradução dos termos ainda não atestados consistentemente na língua de chegada, importa considerar e confrontar os mecanismos linguísticos envolvidos nas criações neológicas originais e os mecanismos linguísticos disponíveis na língua de chegada.

Tendo isto em vista, o capítulo apresenta a seguinte organização: começarei por distinguir termos que já têm equivalente na língua de chegada (1.1) de termos sem equivalente na língua de chegada (1.2), separando os termos já integrados na língua de especialidade da língua de partida (1.2.1) dos termos novos ou criados pelo próprio Carpentier (1.2.2). No primeiro grupo (1.1), incluirei também os termos epónimos, tendo em conta as suas características específicas e possibilidades tradutórias. Num segundo momento (2.), discutirei as soluções de tradução possíveis para os termos ainda sem equivalente disponível na língua de chegada, considerando os mecanismos linguísticos.

1. Apresentação dos Termos

1.1. Termos com equivalentes na LC

Neste primeiro grupo, incluo os termos e/ou conceitos desta área técnica já integrados na LC, seja por via do seu uso em textos da especialidade, nomeadamente textos académicos, seja por via do uso comum. Incluo, ainda, epónimos numa subsecção desta categoria.

- *Media* – temos uma expressão portuguesa para designar esta realidade – *meios de comunicação social* -, mas, talvez por ser uma expressão tão extensa, caiu em desuso e fala-se em *media* ou, utilizando a forma aportuguesada, em *média*.
- *Cyberactivism* – é um movimento semelhante ao *hacktivism*, mas distingue-se deste pelo facto de os ativistas utilizarem plataformas como o *Facebook* ou o *Twitter*, iniciando, assim, um movimento social para alcançar um objetivo. Este ativismo também compreende a assinatura de petições e o seu subsequente envio para os governos pertinentes (Techopedia, consultado em 5 de janeiro de 2016). Em português, é traduzido como *ciberativismo* (Priberam, consultado em 10 de agosto de 2016).
- *Reality-Panopticon* – *panótico* designa um modelo de prisão circular em que um vigilante colocado no centro do edifício consegue observar tudo sem ser observado (Priberam, consultado em 4 de janeiro de 2016). Esta nova expressão designa os *reality shows*, em que os participantes se encontram confinados numa

casa, sendo vigiados com câmaras ocultas 24 horas por dia (como, por exemplo, o programa *Big Brother*).

- *Sphericule* – este termo provém do latinismo *sphaera* (globo) (Collins Dictionary) com a adição do sufixo *-ule/ -ulus* (diminutivo latim que em português ficará *-ulo*). Este neologismo designa uma “esfera pública como uma instância da vida social que implica o exercício público da racionalidade em torno de questões de interesse coletivo ou um domínio da vida social associada à formação da opinião pública” (Correia, consultado em 17 de agosto de 2016).

1.1.1. Epónimos

Os epónimos são um procedimento constituído pela conversão em adjetivo ou nome abstrato de nomes de pessoas influentes (ou antropónimos) ou às quais se associa um ideal ou uma ideia (Newmark, 1988, p. 199). Estas formas designam “movimentos ideológicos/científicos/artísticos, [...] sistemas doutrinários/científicos/de mentalidades, ou ainda [...] constructos epistemológicos relacionados com o que a base denota, como *ambientalismo* (...)” (Rio-Torto, 2013, p. 127).

Um epónimo é constituído por um nome (usualmente, o apelido) e por um sufixo, como *-ismo*, ou *-niano*.

A tradução de epónimos poderá recorrer apenas à transcrição no sufixo da língua de partida para o sufixo correspondente na língua de chegada (como o caso de *Marxism* – *Marxismo*) ou, quando o termo for incompreensível para a cultura de chegada (por se tratar de uma figura cultural desconhecida fora daquele contexto, por exemplo), o tradutor deve procurar verter o sentido contextual do termo (Rio-Torto, 2013, p. 127).

- *Goffmanian* – epónimo referente a Erving Goffman, sociólogo canadiano. Goffman desenvolveu a ideia de que “o mundo é um teatro e cada um de nós (...) teatraliza ou é ator consoante as circunstâncias em que nos encontremos (...)” (Infopédia, consultada em 8 de janeiro de 2016). Este termo pode-se traduzir como *Goffmaniano*.
- *Habermasian* – Jürgen Habermas é um dos mais proeminentes filósofos dos nossos dias. A sua obra abrange uma vasta área desde teoria social e política,

epistemologia e linguagem, estudos de comunicação, psicologia e teologia. Tendo uma extensa obra publicada, é um dos autores mais citados no campo dos meios de comunicação social (Bohman & Rehg, 2014). Este termo pode-se traduzir como *Habermasiano*.

- *Lacanian* – adjetivo utilizado em referência a Jacques Lacan, psicanalista francês que dominou as correntes filosóficas dos anos 60 e 70 do século XX, período que passou a ser designado como pós-estruturalismo. Lacan produziu uma extensa investigação no campo da antropologia, da filosofia da linguagem e da psicanálise (Sharpe, s.d.). Este termo traduz-se como *Lacaniano*.
- *Marxism* – o *marxismo* designa a “doutrina filosófica, política e económica de Karl Marx (...) que analisa os processos históricos segundo métodos dialéticos e materialistas, à luz da luta de classes” (Dicionário Priberam, consulta em 18 janeiro 2016). Tratando-se de uma doutrina tão marcante para o mundo ocidental, este substantivo está perfeitamente integrado no léxico português como *Marxismo*.
- *Neo-Griersonian* – epónimo relativo a John Grierson, cunhador do termo “documentário” e uma das figuras mais proeminentes deste género cinematográfico. Este termo pode-se traduzir como *Neo-Griersoniano*.

1.2. Termos sem equivalente na língua de chegada

1.2.1. Termos já integrados na língua da especialidade da LP

- *Agenda-setting model* – teoria desenvolvida por Maxwell McCombs e Donald Shaw (Freeland, 2012, p. 2), cujo pressuposto consiste na manipulação de informação por parte dos meios de comunicação social.
- *Agonism* – este termo foi selecionado por fazer parte do grupo de neologismos (de que já tratei anteriormente), onde palavras já existentes numa língua ganham um novo significado. Na sua aceção original, este termo é utilizado em biologia para designar o comportamento intuitivo dos animais para se defenderem ou atacarem (“Agonism”, Encyclopedia Britannica, 2016). Chantal Mouffe (2000,

pp. 102-103) desenvolveu um novo modelo democrático opondo os conceitos *antagonismo* e *agonismo*, onde, enquanto o primeiro designa um confronto entre inimigos, o segundo designa um confronto entre adversários. Este modelo pretende o reconhecimento dos valores primordiais democráticos por parte dos partidos políticos e uma espécie de “conversão” destes ao aceitarem as ideologias e opiniões dos seus opositores (ou adversários) como legítimas.

- *Black Boxing* – Bruno Latour (1987, p. 2) afirma que este termo é utilizado na área dos meios de comunicação social para designar o resultado final de uma obra científica ou técnica sem considerar a sua complexidade interna. Ou seja, cada obra é composta por “caixas negras” invisíveis para o utilizador que se encontram opacas de forma proporcional com o seu sucesso. À medida que o utilizador começa a descobrir estas camadas de “caixas negras” vão surgindo novas caixas num movimento descontínuo.
- *Celetoids* – termo cunhado por Rojek (Carpentier, 2011, p. 110) para designar cidadãos célebres por um breve período de tempo, de modo a satisfazer os interesses da própria indústria mediática. O termo é a aglutinação da palavra *celebrity* (celebridade) com o sufixo grego *-oid* (que designa “alguma coisa semelhante”⁶).
- *Citizen-viewers* – este composto compreende os telespetadores que procuram estar informados da atualidade de forma a participar ativamente na tomada de decisões que os possam afetar (cf. Kahn (2010)).
- *Conscientization* – termo criado nos anos 60 do século XX, tendo origem na palavra *conscientizar*, pertencente à norma da língua portuguesa do Brasil. Este termo significa dar conhecimento das condições políticas e sociais com a intenção de gerar mudanças significativas na sociedade (Oxford Dictionaries).
- *De-essentialization* – substantivo criado a partir do prefixo *de-* (que designa a reversão de algo) e o substantivo *essentialization*, que por si só designa um neologismo derivado do verbo *to essentialize*.

⁶ Como *androide*.

- *Democratainment* – termo cunhado por John Hartley para designar a prática democrática dentro do mundo dos meios de comunicação social, nomeadamente a participação pública nos *reality shows*, ou seja, a votação que os telespetadores fazem de forma a nomear os participantes destes programas (Hartley, Montgomery, & Brennan, 2002, p. 61).
- *Fly-on-the-wall camera techniques* – método de filmagem, onde o *cameraman* deve conseguir observar tudo da forma mais invisível possível (daí utilizar-se a expressão idiomática “like a fly on the wall”). É um método que pretende captar tudo o que é dito sem que as gravações sejam editadas posteriormente, sendo muito utilizado em programas de *reality-tv*, como o *Big Brother* ou o *Cops*.
- *Hactivism* – é um termo surgido no século XXI designando um movimento de ativistas que invadem um determinado sítio da *Internet* para levar a bom termo as suas reivindicações políticas ou sociais (Collins Dictionary). Este termo surge da aglutinação das palavras *hacker* e *activism*.
- *Mass amateurization* – conceito criado por Clay Shirky para designar o aparecimento de novos escritores (amadores) no mundo da *Internet* (Shirky, 2002). Em português, poder-se-á falar de um “*amadorismo em massa*” para designar esta realidade de publicações não sujeitas a controlo de qualidade ou a filtros. Qualquer um pode publicar o que quiser, quando quiser, e terá sempre um público a quem essas publicações interessem.
- *Meaning-making audiences* – no seu ensaio “Encoding and Decoding in the Television Discourse”, Stuart Hall (1973) afirma que as mensagens emitidas pelos canais de televisão são decifradas ou interpretadas consoante o contexto cultural do telespetador.
- *Ordinary television* – na obra intitulada precisamente *Ordinary Television*, Frances Bonner (2003) faz um estudo aprofundado acerca deste género televisivo. No contexto português, designará os programas da tarde por todas as características descritas pelo autor: têm uma temática concentrada na vida doméstica; são filmados num estúdio, normalmente o cenário é o de uma sala; e

tem uma audiência no estúdio composta por pessoas comuns, por norma, do sexo feminino.

- *Prosumer* – termo fabricado por Alvin Toffler na década de 70 do século XX, salientando a emergência de um consumidor mais informado e envolvido na criação de produtos mais individualizados, pondo fim à industrialização em massa de bens (Bruns, 2007, p. 100). Este termo híbrido é formado a partir dos substantivos *production* e *consumer*.
- *Prod-user* – (ou *produsage*) é um termo desenvolvido por Axel Bruns na primeira década do século XXI, designando todo o conteúdo mediático criado por utilizadores (por exemplo, a *Wikipedia* ou *blogs*). *Produsage* é um termo híbrido formado a partir dos substantivos *production* (produção) e *usage* (utilização) (Bruns, 2007, p. 99). Na sua obra, Bruns descreve minuciosamente este conceito de produção de conteúdo por amadores ou profissionais e que é cada vez mais característico da nossa sociedade.
- *Publicness* – substantivo criado a partir do adjetivo *public* e do sufixo *-ness*. Para traduzir este termo na língua portuguesa teríamos de recorrer a uma perífrase, por exemplo: *pertencente ao domínio público*. A solução encontrada abaixo veio ao encontro de que se dizia antes no texto, quando o autor afirmava que “(...) the public sphere becomes a ‘mere’ public space where communicational interchanges take place (...)” (Carpentier, 2011, p. 85), originando a promoção de certos indivíduos.
- *Spectatorship* – este substantivo é formado a partir do substantivo *spectator* (espetador) e do sufixo *-ship* (que designa uma condição). Ao traduzir este termo para a língua portuguesa teríamos de proceder a uma perífrase.
- *Technopopulism* – termo híbrido que provém dos substantivos *technology* e *populism*, designando uma forma de participação popular no processo político a partir do envolvimento em linha de qualquer cidadão (Coleman & Götze, 2001, p. 8).

1.2.2. Termo criado pelo Autor

- *Digibetism* – termo cunhado por Nico Carpentier (2003, p. 101) para designar o que poderá ser traduzido como *iliteracia digital*. Este termo surgiu da discussão acerca da divisão social que poderia existir devido ao acesso à *Internet* a partir da década de 90.

2. Soluções Possíveis de Tradução

2.1. A tradução dos termos que já fazem parte da língua da especialidade na LP

- *Agenda-setting model* - Julgo que este adjetivo teria de ser traduzido com o recurso a uma preposição: modelo de definição da agenda.
- *Agonism* - considerando que este termo vem do grego (*agon*), julgo que se poderá proceder à sua tradução literal sem grande problema – *agonismo*. Pode, contudo, causar alguma perturbação devido à sua proximidade com a palavra *agonia*.
- *Black Boxing* - a melhor opção para tratar esta expressão seria deixá-lo no original e proceder a uma nota de rodapé com a sua explicação.
- *Celetoids* – este termo tem origem no radical *celebrity* com a junção do sufixo grego *-oid*. Uma solução que me parece aceitável será reproduzir o mecanismo de formação usado no original, uma vez que está também disponível em português: *celetóide*.
- *Citizen-viewers* - julgo que este termo é compreensível mesmo se o traduzirmos de forma literal. Como tal, parece-me que *o espetador- cidadão* poderá ser uma opção.
- *Conscientization* - a solução para este termo poderá passar pelo substantivo *conscientização* (ainda mais, uma vez que este termo tem origem na língua portuguesa). Contudo, será necessária uma informação adicional para que o leitor português compreenda a extensão da palavra neste sentido.

- *De-essentialization* - uma vez que esta palavra tem origem no latim (*essentia*), na LC poderá usar-se a mesma estratégia de formação da palavra, com o mesmo prefixo latino (*–de* ou *–des*) antes do substantivo *essencialização*.
- *Democratainment* - este termo é composto pela aglutinação das palavras *democrat* e *entertainment*. Uma das soluções de tradução possíveis seria fazer a mesma aglutinação na LC entre a palavra *democrata* e *entretenimento* (*democratenimento*).
- *Fly-on-the-wall camera techniques* - a tradução desta expressão passará por uma tradução explicativa para que o seu sentido seja compreensível (por exemplo, *câmaras espalhadas por todo o espaço* ou *técnicas de filmagem Fly-on-the-wall*).
- *Hactivism* - após ponderar este termo, julgo que a forma mais adequada de se proceder à sua tradução seria recorrer a uma perífrase – por exemplo, *ativismo político levado a cabo por piratas informático* – ou utilizar o termo estrangeiro.
- *Mass amateurization* – como referi anteriormente, considero que esta expressão pode ser facilmente tratada através da tradução literal das palavras constituintes – *amadorismo em massa*.
- *Meaning-making audiences*- Mais uma vez, julgo que a solução mais natural para este adjetivo seria recorrer a uma perífrase (por exemplo, *audiências que procuram o sentido*).
- *Ordinary Television* - creio que se poderá traduzir esta expressão por um termo equivalente usado na referência a este tipo de programas na televisão portuguesa: *programas da manhã*.
- *Pro-sumer* - este termo é formado a partir da aglutinação das palavras *production* e *consumer*. A língua portuguesa poderia recorrer a uma aglutinação semelhante entre as palavras *produção* e *consumidor*, ou então recorrer a uma tradução explicativa (*o consumidor que produz*, por exemplo)⁷.

⁷ Note-se que em PB há registo da palavra “prossumidor” (Montez, 2010).

- *Prod-user* - a solução para este termo poderia passar pela aglutinação das mesmas palavras na LP – *produção* e *utilizador*. Caso esta solução não soasse natural, poder-se-ia sempre recorrer a uma tradução explicativa (por exemplo, *o utilizador que produz*).
- *Publicness* - julgo que este substantivo será mais facilmente traduzido através de uma perífrase (por exemplo, *pertencente ao domínio público*). Contudo, na sua ocorrência no texto fazia sentido traduzir o termo como *autopromoção*.
- *Spectatorship* - compreendendo o sufixo *-ship*, este termo designa “a condição de ser espetador”. Como solução, o tradutor poderia proceder a uma aglutinação entre a palavra *espetador* e um sufixo com o mesmo valor (por exemplo, *-dade*, *-eza*).
- *Technopopulism* - esta aglutinação compreende os termos *technology* e *populism*. Uma das soluções para este termo poderia ser *populismo cibernético*, uma vez que esta expressão designa uma forma de populismo através da Internet.

2.2. Termo criado pelo Autor

- *Digibetism* - tendo em conta que este termo compreende as palavras *digital* e *analphabetism*, poderá ser traduzido de forma literal como *analfabetismo digital*.

No próximo capítulo, tratarei outras questões de tradução levantadas pelo texto aqui em estudo, nomeadamente questões relacionadas com a tradução de abreviaturas, nomenclaturas, expressões idiomáticas ou outras manifestações linguísticas de diferenças culturais, bem como de criações neológicas da língua geral ou de outras áreas técnico-científicas.

Capítulo 2

Apresentação e tratamento de outros termos

Este segundo capítulo tratará outras questões levantadas pela tradução da obra *Media and Participation*. Este capítulo encontra-se dividido em cinco secções: Abreviaturas vocabulares (1), Nomenclaturas oficiais (2), Diferenças culturais e idiomatismos (3), Neologismos de outras áreas ou da língua geral (4) e outras criações vocabulares (5).

1. Abreviaturas Vocabulares

Segundo Newmark (1988, p. 200), quando tratando acrónimos, abreviaturas ou siglas, deve ponderar-se a necessidade da sua tradução, tendo em conta questões de ordem cultural. O autor afirma mesmo que não se deve recriar acrónimos, sendo a única exceção a de termos cunhados num texto académico, por exemplo. De acordo com Bankole (consultado em janeiro 2016), existem três procedimentos na tradução de siglas: (i) empréstimo, (ii) inversão da ordem das letras e (iii) substituição de iniciais. No primeiro grupo, a maior ocorrência surge no campo das novas tecnologias, como é o caso de DVD (*Digital Versatile Disc*), *laser* (*Light Amplification by Stimulated Emission Radiation*) ou CD-ROM (*Compact Disc Read Only Memory*). O segundo grupo refere-se às siglas que têm em comum as letras constituintes, mas que se encontram por uma ordem diferente, como por exemplo UN (United Nations) e ONU (Organização das Nações Unidas) ou IMF (International Monetary Funds) e FMI (Fundo Monetário Internacional). O terceiro e último grupo refere-se às siglas que ganham novas iniciais já que, na sua transposição para a outra língua, as palavras começam por iniciais diferentes, como por exemplo UFO (Unidentified Flying Object) e OVNI (Objeto Voador Não Identificado).

As siglas presentes no texto original tratado eram sempre acompanhadas pela sua explicitação, salvo quando a sigla já tinha sido utilizado previamente. São as seguintes:

- CDA [City Demonstration Agency]

- PAR [Participatory Action Research]
- AWC [Area Wide Council]
- AIC [Appreciation-Influence-Control]
- ZOPP [Objectives-Oriented Project Planning]

2. Nomenclaturas Oficiais

A tradução de nomenclaturas é de uma dificuldade particular, pois na maior parte dos casos não existem correspondências exatas para o termo e suas designações. Na lista abaixo encontram-se dois termos relativos a organizações ou movimentos sociais, dois termos referentes a cargos, três termos relativos a organismos e um termo que designa um decreto-lei. Na minha tradução, optei por deixar os termos no original e traduzi-los entre parêntesis, já que estes comportam, ainda, a questão cultural do público-alvo (que poderá desconhecer o que estes representam).

- *Community Action Agency Diretor*
- *Internetworked Social Movements*
- *French Urban Solidarity and Renewal Act*
- *Chad Education Task Manager*
- *Citizen Advisory Committees*

3. Diferenças culturais e idiomatismos

3.1. Diferenças culturais

O exemplo que se seguem evidencia as diferenças legais existentes entre a cultura anglófona e a portuguesa.

- *Marital, date, and acquaintance rape* – a lei anglófona faz estas distinções legais. Perante a necessidade de tradução de segmentos (e informações) deste tipo, é importante procurar junto de especialistas e/ou fontes autorizadas toda a

informação que permita ao tradutor tomar a decisão mais adequada. Não sendo uma questão central neste relatório, dou conta apenas das pesquisas que fiz para melhor percebermos o que estaria aqui em causa na hora de traduzir o segmento. Assim, consultei o Código Civil em versão em linha (Lei nº 65/98, de 2 de Setembro, Artigo 164º).

3.2. Idiomatismos e expressões fixas

De acordo com Bassnett (2005, p. 24), as expressões idiomáticas devem ser substituídas por outras expressões da língua de chegada, tendo em conta não os elementos linguísticos da frase mas sim mediante a função do idiomatismo. A esta transição dá-se o nome de *equivalência*, ou como explicado pela mesma autora: “(...) functional equivalence of elements in both original and translation aiming at an expressive identity with an invariant of identical meaning” (*ibidem*). Incluem-se neste grupo as seguintes expressões do texto traduzido:

- *Tongue-tied writers* – expressão idiomática que se refere a “alguém tímido ou envergonhado” (Collins Dictionary). Contudo, nesta aceção, e pela leitura do texto, compreende-se que é utilizada para se referir aos correspondentes sujeitos a elevada vigilância na União Soviética.
- *A means to its own end* – expressão idiomática que significa “os meios para atingir um fim”.
- *The have-not citizens* – termo que designa alguém com poucos bens materiais. É um substantivo composto pelo verbo *to have* e pela partícula de negação *not*.
- *Rank-and-file (reader)* – expressão proveniente da área militar (designando os soldados), tendo sido transferida para a língua geral para fazer referência ao público-leitor em geral.

4. Neologismos de outras áreas ou da língua geral

Nesta secção, tratamos questões relacionadas com a tradução de outros neologismos presentes na obra em estudo, nomeadamente criações pertencentes a outras áreas técnico-científicas ou mesmo à língua geral. Os neologismos que se seguem fazem

parte de diferentes categorias gramaticais e são construídos a partir de diferentes compostos.

- Expressões que contêm um adjetivo composto formado a partir de adjetivo + verbo:

Mixed-scanning approach – termo cunhado por Amitai Etzioni (Etzioni, 1967). Este termo designa uma abordagem que une dois modelos de processos de tomada de decisão.

- Expressões que contêm um adjetivo composto formado a partir de substantivo + verbo:

Decision-making processes – este processo de tomada de decisão envolve sete fases, desde a identificação da decisão a ser tomada até à revisão da decisão (UMass Dartmouth, 2016).

Sense-making tool - este adjetivo designa um processo fundamentado por Karl E. Weick (1979), que procura descobrir como é que o ser humano interpreta e retém significados (Montenegro e Casali, 2008, p. 9).

- Expressões que contêm um adjetivo composto formado a partir de dois adjetivos:

Cultural-diagnostic (sub-)approach – abordagem desenvolvida por Hannu Nieminen (2006) que considera o processo democrático como participativo e de discurso aberto.

Equivalential-egalitarian logic – projeto que pretende remover as “formal barriers to the free self-definition of different social groups” (Noonan, 2006, p. 187).

5. Outras Criações Vocabulares

- *Realer* (= *more real*) – a formação do superlativo na língua inglesa em palavras com uma sílaba, por norma, faz-se com a adição de *-er* no fim. Existem, contudo, algumas exceções na formação analítica em que se adiciona o advérbio *more* antes do adjetivo, ou seja, *more + adjetivo*, como é o caso do adjetivo *real*.

O adjetivo «realer» utilizado na citação “the public made realer, less fictional, more able, less predictable” (Rosen *in* Carpentier (2011, p. 112)) surge como estilo pessoal, sendo utilizada em termos coloquiais, mas que destoa dentro da própria citação, já que a repetição do advérbio *more* funcionaria de forma semelhante ao *less*, criando um ritmo na enunciação que se perde na utilização do termo em causa. De certa forma, a utilização deste termo coloquial poderá ter um sentido apelativo para o leitor.

- *Outvoted and outfoxed* – este segmento apresenta dois adjetivos derivados por prefixação e com o mesmo prefixo (prefixo *-out*, que funciona como indicador de que se “ultrapassou uma ação em particular”). Em português, torna-se difícil manter o efeito (ritmo) criado pela repetição do prefixo, uma vez que muito provavelmente teremos de recorrer a uma paráfrase. Poderíamos sempre considerar a hipótese de criarmos uma expressão semelhante recorrendo a um prefixo como *-supra*, mas considero que a melhor solução seria traduzir por “*derrotados nas votações e vencidos pela astúcia*”.

6. Soluções Possíveis de Tradução

6.1. Abreviaturas Vocabulares

- *CDA* – ADC (Agência de Demonstração da Cidade)
- *PAR* – IAP (Investigação da Ação Participativa)
- *AWC* – CAA (Concelho da Área Ampla)
- *AIC* – AIC (Apreciação- Influência- Controlo)
- *ZOPP* – PPOO (Projeto de Planificação com Objetivos-Orientados)

6.2. Nomenclaturas Oficiais

- *Community Action Agency Director* – Diretor da Agência de Ação Comunitária
- *Internetworked Social Movements* - Movimentos Sociais entre Redes
- *French Urban Solidarity and Renewal Act* – Lei Francesa de Solidariedade e de Renovação

- *Chad Education Task Manager* – Gestor de Assuntos relativos à Educação do Chade
- *Citizen Advisory Committees* – Comitês Consultivos de Cidadãos

6.3. Idiomas

- *Tongue-tied writers* – Apesar de perdermos a expressão evocativa do original (“um escritor com a língua atada”), faria uma tradução explicativa do género de *escritores censurados*.
- *The have-not citizens* - Poder-se-ia proceder a uma paráfrase do tipo “os que nada têm”, mas será bem mais compreensível utilizar um adjetivo como “cidadãos pobres”.

6.4. Neologismos de outras áreas ou da língua geral

- *Mixed-scanning approach* - Este termo designa uma abordagem que une dois modelos de processos de tomada de decisão. Optaria por não traduzir a expressão, uma vez que se trata de um modelo criado por Amitai Etzioni. Neste sentido, deverá ser uma entidade reguladora a padronizar o seu uso.
- *Decision-making processes* - Os adjetivos na língua inglesa unidos por hífen, por norma, traduzem-se (na língua portuguesa) com o recurso a preposições. Considero que uma tradução adequada para esta expressão seria *processos de tomada de decisão*.
- *Sense-making tool* - De forma a traduzir esta expressão, julgo que o melhor procedimento seria uma perífrase (por exemplo, *ferramenta que procura a definição*).
- *Cultural-diagnostic (sub-)approach* - Esta forma adjetival poderá ser traduzida através da inserção de um hífen entre os dois adjetivos (por exemplo, *(sub) abordagem diagnóstico-cultural*).

- *Equivalential-egalitarian logic* - Considero que a tradução mais adequada para esta expressão seria *lógica equivalente e igualitária*, uma vez que é composta por dois adjetivos.

6.5. Outras Criações Vocabulares

- *Realer* - Para resolver esta formação, julgo que a melhor solução passaria pela adição do advérbio *mais* antes do adjetivo *real/verdadeiro*.
- *Outvoted and Outfoxed* – Julgo que em português a repetição do afixo não funcionaria de igual modo. Como tal, considero que a melhor solução seria *derrotados nas votações e vencidos pela astúcia*.

Conclusão

O presente relatório teve como objetivo a descrição do estágio efetuado na empresa *Media XXI* e a apresentação de um estudo levado a cabo a partir de uma das tarefas de tradução desenvolvidas no âmbito desse estágio. Partindo da tarefa principal do estágio – a tradução de parte da obra *Media and Participation* -, e considerando as principais dificuldades que senti neste exercício – a tradução dos termos técnicos, optei por delimitar esta questão como tema de reflexão no relatório final.

Estando dividido em três partes, na primeira foi apresentada a empresa e efetuou-se uma descrição dos trabalhos de tradução efetuados ao longo do estágio e, ainda, uma apresentação dos problemas suscitados.

A segunda parte está dividida em quatro capítulos e incide sobre a Neologia e a Terminologia. No primeiro capítulo foi tratada a ciência terminológica, as várias escolas e procedeu-se à definição de alguns conceitos-chave para uma melhor compreensão das diferentes aceções existentes. No segundo capítulo foi tratado o trabalho terminológico, com todos os seus processos e etapas. Foram ainda enumerados os vários princípios que regem a criação das terminologias. Com a apresentação dos organismos reguladores, tentei mostrar que existe realmente uma normalização para os novos conceitos surgidos e exalto aqui a necessidade da continuidade deste tipo de regulamentação e de trabalhos terminológicos. No terceiro capítulo iniciei a especificação do tema tratado em relação com a área da tradução. Nele abordei os processos de criação de palavras novas (distinguindo primeiro entre *empréstimo*, *estrangeirismo* e *neologismo*) e apresentei quatro propostas de processos de criação terminológica dos teóricos Alain Rey, Louis Guilbert, Peter Newmark e Pierre Auger. Neste capítulo ainda distingi entre neologismos e neónimos, considerando esta distinção importante uma vez que tratei a criação de palavras dentro de uma área de especialidade específica. O quarto capítulo incidiu especificamente na tradução de neologismos. Este capítulo foi iniciado por algumas considerações acerca da tradução: a encomenda de tradução; a leitura do texto; e, finalmente, algumas estratégias de tradução. Dada a especificidade do tema deste relatório, apresentei ainda uma pequena secção sobre a tradução do texto técnico tendo por base a obra de Peter Newmark (1988). Por fim, apresento o tradutor que dá título a

este relatório: o Tradutor-Neógrafo. Neste último capítulo fundamento o papel do tradutor como inovador lexical e selecionei a taxionomia de Vinay e Darbelnet (de entre tantas outras) para provar a complexidade que é o ato tradutivo. Para finalizar este capítulo, apresento a tabela constituída por Peter Newmark que representa os doze processos de tradução disponíveis face ao tipo de neologismos e ao contexto.

A terceira parte está dividida em dois capítulos. Tratando-se da sistematização de dados empíricos, considerei que devia existir uma separação entre os neologismos técnicos (ou neónimos se quisermos utilizar este termo) e outras questões de tradução. Nesta parte são apresentados os termos que me causaram mais dificuldade ao longo da tradução de *Media and Participation*. Aglomerei os vários termos por grupos e analisei caso a caso.

Com este relatório provou-se que a neologia é uma área ainda muito recente, com muito por determinar. O tradutor do texto técnico enfrenta várias dificuldades e desafios, daí a necessidade de existirem bases de dados atualizadas e outras fontes de informação em livre acesso.

Não me arrependo de ter escolhido este tema, pois considero-o fulcral para um tradutor, especialmente nos tempos que correm, em que, no nosso dia a dia, utilizamos cada vez mais palavras que não fazem parte da nossa língua materna. Há que acrescentar que este tema é vastíssimo, com implicações e ramificações várias e que muito ficou por dizer no tempo que tive de investigação. O tema mereceria outros e muitos investimentos e, quem sabe, poderá ser tema de novas investigações.

Referências Bibliográficas

- Almeida, G. M. (2003). O Percurso da Terminologia: De Atividade Prática à Consolidação de uma Disciplina Autônoma. *TradTerm*(9), 211-222.
- Alves, I. M. (1990). *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática.
- Amâncio, M. (2005). *Ato de presença: hineni (Homenagem a Rifka Berezin)*. São Paulo: Editora Humanitas.
- Auger, P., & Rousseau, L.-J. (1978). *Méthodologie de la recherche terminologique*. Québec: Office de la langue française - Service des travaux terminologiques.
- Barrera, S.D., & Maluf, M. R. (2003). Consciência Metalingüística e Alfabetização: Um Estudo com Crianças da Primeira Série do Ensino Fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 491-502.
- Barros, L.A. (2004). *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: EdUSP.
- Barros, L. A. (2006, April/June). Aspectos Epistemológicos e Perspectivas Científicas da Terminologia. *Ciência e Cultura*, 58(2).
- Bassnett, S. (2005). *Translation Studies*. New York: Routledge.
- Bonner, F. (2003). *Ordinary Television: Analyzing Popular TV*. London: Sage.
- Cabré, M. T. (1993). *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries.
- Cabré, M. T. (1999). *Terminology: Theory, Methods and Applications*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- Cabré, M. T., Estopà, R., & Tebé, C. (2006). La terminología en el siglo XXI : contribución a la cultura de la paz, la diversidad y la sostenibilidad . *IX Simposio Iberoamericano de Terminología RITERM04*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra.
- Carpentier, N. (2003). Access and Participation in the Discourse of the Digital Divide. The European Perspective at/on the WSIS. In J. Servaes (Ed.), *The European*

- Information Society. A Reality Check* (pp. 99-120). Bristol, UK & Portland, OR, USA: Intellect.
- Carpentier, N. (2011). *Media and Participation. A site of ideological-democratic struggle*. Bristol; Chicago: intellect.
- Chesterman, A., & Wagner, E. (2002). *Can Theory Help Translators?* Manchester, UK & Northampton, MA: St. Jerome Publishing.
- Coleman, S., & Gøtze, J. (2001). *Bowling Together. Online Public Engagement in Policy Deliberation*. London: The Hansard Society.
- Contente, M. M. (2008). *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina*. Lisboa: Edições Colibri.
- Correia, J. C. (2008, Novembro). Novos media e a esfera pública. As profecias cyberdemocráticas no contexto da democracia de deliberativa. *Estudos em Comunicação* (4), 81-100.
- Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Faraco, C. A. (2001). Empréstimos e Neologismos: Uma breve visita histórica. *Alfa*(45), 131-148.
- Grevisse, M., & Goosse, A. (2011). *Le Bon Usage* (15^a edição). Gembloux: Duculot.
- Guilbert, L. (1975). *La créativité lexicale*. Paris: Larousse.
- Hartley, J., Montgomery, M., & Brennan, M. (2002). *Communication, Cultural and Media Studies: The Key Concepts*. UK: Psychology Press.
- Haspelmath, M. (2009). Lexical Borrowing: Concepts and issues. In M. Haspelmath, & T. Uri, *Loanwords in the World's Languages: A Comparative Handbook* (pp. 35-54). Berlin: De Gruyter Mouton.
- Hermans, A., & Vansteelandt, A. (1999, décembre). Néologie traductive. *Rint*(20), pp. 37-43.

- Hope, T. (1971). *Lexical Borrowing in the Romance Languages*. Oxford: Basil Blackwell.
- Houaiss, A. (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Vols. II- III). Lisboa: Temas e Debates.
- ISO 1087 – 1 – 2000 *Terminology Work – Vocabulary*.
- Jesus, A. M. (2012, dezembro). Empréstimos, tradução e uso na prática terminológica. *TradTerm*, 20, pp. 111-128.
- Kahn, S., & Lee, J. (Eds.). (2010). *Activism and Rhetoric: Theories and Contexts for Political Engagement*. New York; London: Routledge.
- Kassai, G. (1981). Traduction et néologie. *Meta: journal des traducteurs*, 26(2), 123-134.
- Lapa, M. R. (1984). *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Latour, B. (1987). *Science in action*. Great Britain: Harvard University Press.
- Lerat, P. (1995). *Les langues spécialisées*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Lei nº 65/98 de 2 de setembro de 1998. *Diário da República nº 202/1998 – Série I-A*. Assembleia da República.
- Mateus, M. M., & Nascimento, F. B. (2005). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Caminho.
- Montenegro, L. M., & Casali, A. M. (2008). O Modelo de Organizing de Karl Weick e sua Ênfase na Comunicação. *V Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD*. Belo Horizonte.
- Montez, M. (2010, Dezembro). Trocas por cá – Mercados Solidários pela voz de um prosumidor. *Revista de Economia Solidária*, 2.
- Mouffe, C. (2000). *The Democratic Paradox*. London: Verso.
- Munday, J. (2001). *Introducing Translation Studies. Theories and applications*. London: Routledge.

- Newmark, P. (1988). *A Textbook of Translation*. UK: Prentice Hall International English Language Teaching.
- Nieminen, H. (2006). ‘What do we Mean by a European Public Sphere?’, in Nico Carpentier, Pille Pruulman-Vengerfeldt, Kaarle Nordenstreng, Maren Hartmann, Peeter Vihalemm and Bart Cammaerts (eds.), *Researching Media, Democracy and Participation*, Tartu: Tartu University Press, pp. 105–119.
- Nord, C. (2005). *Text Analysis in Translation: theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis*. Amsterdam; New York: Rodopi.
- Noonan, Jeff. (2006). *Democratic Society and Human Needs*. Canada: McGill-Queen's Press - MQUP
- Parreira, M., & Pinto, J. d. (1990). Neologismos e Estrangeirismos. In *Prontuário Ortográfico Moderno* (pp. 129-147). Lisboa: Edições Asa.
- Pascoaes, T. d. (1988). *A saudade e o saudosismo*. Lisboa : Assírio & Alvim.
- Pavel, S. (1989). Néologie lexicale: tranfert, adaptation, innovation. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, 2(1), pp. 125-137.
- Raposo, E. [et al]. (2013). *Gramática do Português* (Vol. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Reuillard, P. C., & Bevilacqua, C. R. (2012). Neologia Tradutória. *Conexão Letras*, 7(7), 9-18.
- Rey, A. (1972). Usages, jugements et prescriptions linguistiques. *Langue française*(26), 4-28.
- Rey, A. (1992). *La terminologie: noms et notions* (2^o ed.). Paris: Presses Universitaires de France.
- Rio-Torto, G., Rodrigues, A. S., Pereira, I., Pereira, R., & Ribeiro, S. (2013). *Gramática Derivacional do Português*. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra.
- Robinson, D. (2003). *Becoming a Translator. An Introduction to the Theory and Practice of Translation*. London; New York: Routledge.

- Savory, T. (1969). *The Art of Translation*. London: Jonathan Cape Paperback.
- Ullmann, S. (1987). *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Venuti, L. (2002). *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London; New York: Routledge.
- Vinay, J. P., & Darbelnet, J. (1977). *Stylistique Comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier.

Fontes eletrônicas

- Áreas de Negócio. (2015). Consultado em outubro 2015, de Media XXI. Consulting, Research & Publishing: <http://www.mediaxxi.com/index.php/areas-negocio/investigacao-e-consultoria>
- Bankole, A. (2006, October). *Dealing with Abbreviations In Translation*. Consultado em janeiro, 2016, de Translation Journal: <http://translationjournal.net/journal/38acronyms.htm>
- Bohman, J., & Rehg, W. (2014, August 4). *Jürgen Habermas*. Consultado em janeiro 18, 2016, de Stanford Encyclopedia of Philosophy: <http://plato.stanford.edu/entries/habermas/#Bib>
- Bruns, A. (2007). Prodsusage: Towards a Broader Framework for User-Led Content. *C&C'07 Creativity and Cognition 2007* (pp. 99-106). New York: ACM. doi:10.1145/1254960.1254975
- Carpentier, N. (2015, September 10). *Nico Carpentier's Pages. Publications Area*. Consultado em setembro, 2016 de Nico Carpentier's Pages: http://nicocarpentier.net/ar_pub.html
- Decision-making process, in *UMass Dartmouth*, 2016 <http://www.umassd.edu/fycm/decisionmaking/process/> [consultado em 11-08-2016]

- Estratégia. (2016). consultado em março 2016, de Media XXI. Consulting, Research & Publishing: <http://www.media XXI.com/estrategia/>
- Etzioni, A. (1967). Mixed-Scanning: A "Third" Approach to Decision-Making. *Public Administration Review*, 27(5), 385-392. doi:1. Consultado em Agosto, 11, 2016, <http://www.jstor.org/stable/973394> doi:1
- Freeman, A. M. (2012). *An Overview of Agenda Setting Theory in Mass Communications*. Ensaio, University of North Texas. Consultado em agosto 11, 2016, https://www.academia.edu/3355260/An_Overview_of_Agenda_Setting_Theory_in_Mass_Communications
- Hall, S. (1973). Encoding and Decoding in the Television Discourse. Centre for Cultural Studies, University of Birmingham. Consultado em agosto 11, 2016, <http://www.birmingham.ac.uk/Documents/college-artslaw/history/cccs/stencilled-occasional-papers/1to8and11to24and38to48/SOP07.pdf>
- IPQ (2016). *Comissões Técnicas de Normalização Eletrotécnica Ativas*. Instituto Português da Qualidade. Consultado em fevereiro 22, 2016, <http://www1.ipq.pt/PT/Normalizacao/ComissoesTecnicas/Pages/CTE.aspx>
- Jesus, C. M. (2005). *Terminologia e Representação do Conhecimento do Domínio Específico da Geodinâmica Interna: uma abordagem ao subdomínio da actividade tectónica*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Consultado em abril 1, 2016, <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/27591?mode=full>
- Jornal Oficial da União Europeia (n.d.). consultado em 2015, de EUR-Lex: <http://eur-lex.europa.eu/oj/direct-access.html?locale=pt>
- Our Brands: Wall's Ice Cream. (2016). consultado em janeiro 13, 2016, de Unilever: <http://www.unilever.com.vn/our-brands/detail/Wall-s-ice-cream/313006/?WT.contenttype=view%20brands>
- Sharpe, M. (n.d.). *Jacques Lacan (1901—1981)*. consultado em janeiro 18, 2016, de Internet Encyclopedia of Philosophy: <http://www.iep.utm.edu/lacweb/#SH4c>

- Shirky, C. (2002, October 3). *Weblogs and the Mass Amateurization of Publishing*. consultado em janeiro 5, 2016, de Clay Shirky's Writings About the Internet: http://shirky.com/writings/weblogs_publishing.html
- Sobre a Media XXI. (2016). consultado em 7 de março de 2016, Media XXI. Consulting, Research & Publishing: <http://www.mediaxxi.com/sobre-a-media-xxi/>
- Vaz, F. R. (2013). *Programas Temáticos de Segmento – A Classificação de Programas de Televisão em Função do Público-Alvo e sua Relevância na Programação Televisiva*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas, Lisboa. consultado em dezembro 5, 2015, <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/14725/1/Programas%20Tem%C3%A1ticos%20de%20Segmento%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado,%20F.pdf>

Palavras consultados em dicionários em linha

- Agonism (2016). Consultado em junho de 2016, de Encyclopædia Britannica: <https://www.britannica.com/topic/agonism>
- building, in *Dictionnaires de français Larousse* [em linha], <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/building/11638?q=building#11483> [consultado em 28-08-2016]
- campus, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/campus> [consultado em 13-01-2016]
- ciberativismo, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/ciberativismo> [consultado em 18-08-2016]
- conscientize, in *Oxford Dictionaries* [em linha], 2016, <http://www.oxforddictionaries.com/pt/defini%C3%A7%C3%A3o/ingl%C3%AAs-americano/conscientize> [consultado em 16-01-2016]

cyberactivism, in *Techopedia* [em linha], 2010-2016, <https://www.techopedia.com/definition/27973/cyberactivism> [consultado em 5-01-2016]

Erving Goffman in *Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [consult. 2016-01-18 14:32:40]. Disponível na Internet: [http://www.infopedia.pt/\\$erving-goffman](http://www.infopedia.pt/$erving-goffman)

hacktivism, in *Collins Dictionary* [em linha], 2016, <http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/hacktivist> [consultado em 5-01-2016]

marxismo, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/marxismo> [consultado em 18-01-2016].

Neo-concrete. (n.d.). consultado em janeiro 18, 2016, de Tate: <http://www.tate.org.uk/learn/online-resources/glossary/n/neo-concrete>

panótico, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/pan%C3%B3tico> [consultado em 4-01-2016]

sphere, in *Collins Dictionary* [em linha], 2016, <http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/sphere> [consultado em 7-01-2016]

Situationism. (n.d.). (Art Industri) consultado em janeiro 18, 2016, de Art Movements: <http://www.artmovements.co.uk/situationism.htm>

tokenism, in *Merriam-Webster* [em linha], 2015, <http://www.merriam-webster.com/dictionary/tokenism> [consultado em 17-01-2016]